



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ERNESTO VALENCIA LARA

**O amor a partir duma perspetiva
antropológico-teológica**
Entre o *eros* e a *caritas*

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:

Professor Doutor Américo José Pereira e
Mestre Juan Francisco García Ambrosio

Lisboa 2017

Índice

Siglário	3
Abstract	4
Introdução	6
Capítulo I: Avaliação do percurso realizado ao longo da PES	
a) Aprendizagens principais obtidas.....	8
b) Planificação das aulas.....	10
c) Desempenho e funcionamento do núcleo de estágio.....	14
Capítulo II: A riqueza inerente à unidade letiva 1 «A pessoa humana»	
a) Pertinência da unidade letiva no processo de ensino-aprendizagem e no Relatório.....	16
b) Análise da unidade letiva «A pessoa humana».....	18
Capítulo III: A pessoa como ato de Amor	
a) A definição do amor.....	22
b) A tensão entre o <i>eros</i> e a <i>caritas</i>	31
c) O amor em termos de aliança.....	42
Capítulo IV: Promover a compreensão e a vivência do amor a partir da disciplina de EMRC	
a) Conceitos e estratégias pedagógicas para atingir esta finalidade.....	53
b) Proposta duma atividade concreta dentro do contexto da «Educação para o Amor».....	63
Conclusões	67
Bibliografia	70

Siglário

AAS- Acta Apostolicae Sedis

CF- Carta às Famílias *Gratissimam Sane*

DC- Encíclica *Deus Caritas Est*

EMRC- Educação Moral e Religiosa Católica

FC- Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*

PES- Prática de Ensino Supervisionada

SNEC- Secretariado Nacional da Educação Cristã

Abstract

O amor é um dos termos mais usados em todos os tempos históricos. Hoje, porém, assistimos a uma confusão acerca do seu verdadeiro significado. Por isso, é importante redescobrir novamente as suas dimensões e características. Partindo da prática letiva e dos conteúdos próprios da disciplina de EMRC, que outorgam uma singular importância a este conceito, apresentamos uma investigação que percorrerá algumas das principais definições do amor, desde os tempos mais remotos até a atualidade.

Partindo duma investigação de carácter multidisciplinar, desembocaremos numa visão do amor desde uma perspectiva antropológico-teológica, baseada principalmente nos escritos bíblicos e nas publicações do Magistério.

O objetivo desta investigação, que parte do contexto educativo, é retornar novamente a este tema para aplicar de maneira concreta os elementos descobertos para uma melhor compreensão e vivência do amor, dentro do contexto da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica.

Love is one of the most used terms in all historical times. Today, however, we are confused about its true meaning. It is therefore important to rediscover its dimensions and characteristics again. Starting from the academic practice and content of the discipline of EMRC, which gives a singular importance to this concept, we present an investigation that will cover some of the main definitions of love, from the earliest times to the present day.

Within an investigation of multidisciplinary character, we will end with a vision of love from an anthropological-theological perspective, based mainly on the biblical writings and the publications of the Magisterium.

The purpose of this research, which is part of the educational context, is to return to the latter in order to apply in a concrete form the elements discovered to a better understanding and experiencing of love, within the context of the discipline of EMRC.

El amor es uno de los términos más usados en todos los tiempos históricos. Hoy, sin embargo, asistimos a una confusión sobre su verdadero significado. Por eso, es importante redescubrir nuevamente sus dimensiones y características. Partiendo desde la práctica lectiva y los contenidos propios de la disciplina de EMRC, que otorgan una singular importancia a este concepto, presentamos una investigación que recorrerá algunas de las principales definiciones sobre el amor, desde los tiempos más remotos hasta la actualidad.

Haciendo una investigación de carácter multidisciplinar, desembocaremos en una visión del amor desde una perspectiva antropológico-teológica, basada principalmente en los escritos bíblicos y en las publicaciones del Magisterio.

El objetivo de esta investigación, que parte del contexto educativo, es retornar nuevamente al mismo, para aplicar de manera concreta los elementos descubiertos para una mejor comprensión y vivencia del amor, dentro del contexto de la disciplina de EMRC.

Palavras-chave: Amor, Pessoa, Antropologia Teológica, Educação, EMRC.

Keywords: Love, Person, Theological Anthropology, Education, EMRC (Moral and Religious Catholic Education).

Palabras-clave: Amor, Persona, Antropología Teológica, Educación, EMRC.

Introdução

Ao longo do percurso realizado no mestrado em Ciências Religiosas, com especialização em Educação Moral e Religiosa Católica, tem sido possível trabalhar as dimensões mais importantes (antropológico-teológica e pedagógica) com aplicação na prática letiva.

Disciplinas significativas como «Questões de Antropologia Teológica» e «Questões éticas e sociais contemporâneas» (onde frequentei o grupo dedicado especialmente a questões de «Família, Sexualidade e Vida») despertaram o desejo de aprofundar mais acerca da temática do amor.

Esta revelava-se como um aspeto fundamental e nuclear, nas diversas questões e desafios existentes dentro do contexto da antropologia teológica. Aparecia, em muitos casos, como o critério e a medida que deveria guiar e orientar todo o resto. Porém, reconheço que, em ocasiões, o amor aparecia também como um conceito algo abstrato e genérico, como uma realidade excessivamente utópica, que poderia ser usada de forma *demagógica* nos discursos. Por um lado, fui reconhecendo cada vez mais a sua importância; por outro, suspeitava que se tratava duma realidade algo difusa, de difícil medida e definição, e, portanto, também suscetível de ser manipulada.

Também comecei a intuir que a nossa compreensão e definição sobre o amor poderia ter uma influência determinante, ou altamente significativa, na nossa perceção e visão acerca do ser humano, da vivência das relações interpessoais e na relação com Deus.

O seguinte passo, marcado pelo ritmo do programa do mestrado, foi a realização da Prática de Ensino Supervisionada e do Seminário de Acompanhamento, enfatizando a dimensão pedagógica e a prática orientada para o desempenho profissional.

A partir da PES realizada no Colégio do Amor de Deus (localizado na freguesia de Alcabideche, no concelho de Cascais), tem sido possível descobrir o amor como um elemento

fulcral e transversal presente na disciplina de EMRC, de maneira particular nas aulas do primeiro período, enquadradas dentro da unidade letiva 1, «A pessoa humana».

Assim sendo, a análise desta unidade letiva no presente Relatório supõe o primeiro ponto de partida para uma melhor descoberta do significado do amor, a partir da análise dos conteúdos e da abordagem de algumas questões surgidas. Por exemplo, através da aproximação ao paradigmático texto de 1 Jo 4, 7-21.

Igualmente, no processo de interação e de relação com os alunos, uma adequada compreensão e vivência do amor revelou-se como um componente educativo fundamental, tanto para o desenvolvimento e a aprendizagem de atitudes de valor como para conseguir uma melhor e mais eficaz transmissão dos conteúdos.

Após descobrir a relevante presença desta temática na disciplina, é apresentada neste Relatório uma investigação teórica acerca do conceito de amor, avançando gradualmente desde uma compreensão mais geral e abrangente (tendo em conta a visão de diversos autores, pertencentes a várias disciplinas como a filosofia, a psicologia e a teologia) até outra mais específica. Com a contribuição dos textos do Magistério (tendo como ponto principal de referência a encíclica *Deus é Amor*, de Bento XVI), iremos desenvolvendo uma conceção de amor (tomando em consideração duas das suas principais dimensões, nomeadamente o *eros* e a *caritas*) a partir de uma perspetiva antropológico-teológica, recorrendo também finalmente à contribuição dos textos bíblicos para apurar esta definição.

Assim, desembocamos a seguir num itinerário pedagógico, que pretende oferecer algumas estratégias e ideias práticas para a aplicação das principais questões descobertas, propostas e investigadas. O objetivo principal é favorecer uma melhor compreensão e vivência do amor dentro do contexto da disciplina de EMRC. Dito de outra maneira, contribuir para uma *educação para o amor* através da disciplina. Nesta parte, a reflexão será baseada na própria experiência pedagógica e também, principalmente, em alguns dos escritos mais significativos

do então cardeal Jorge Mario Bergoglio - hoje Papa Francisco- em relação com a vivência e a transmissão do amor no contexto educacional contemporâneo.

Seguidamente, apresentamos um apartado de conclusões em que se englobam os resultados e as respostas às questões principais obtidos a partir do percurso efetuado ao longo da PES, da pesquisa científica da unidade letiva selecionada, do estudo desenvolvido acerca da temática definida e do itinerário ou dispositivo didático elaborado.

Esta estrutura e processo de prática de ensino supervisionada (PES), de descoberta e de questionamento (através da análise duma unidade letiva), de investigação teórica e de posterior aplicação a um itinerário pedagógico é a estrutura principal que conforma o presente Relatório Final, que ao mesmo tempo pretende ser um estímulo para melhor compreender e viver este aspeto tão fundamental do ser humano, do Cristianismo e da disciplina de EMRC.

Através deste percurso, tornar-se-á ainda mais visível e evidente a importância do amor no contexto da antropologia-teológica, da relação do ser humano consigo mesmo, com Deus e com os demais, assim como a sua relevância, necessidade e atualidade dentro do âmbito da práxis educativa hodierna.

Realmente, a definição e a compreensão do amor que temos encontra-se em estreita relação com a vivência que dele fazemos, e reciprocamente.

Capítulo I: Avaliação do percurso realizado ao longo da PES:

a) Aprendizagens principais obtidas

A minha experiência de estágio foi realizada no Colégio do Amor de Deus, em Cascais.

Comecei o ano sem uma experiência prévia docente. Este fator penso que constituía uma vantagem, no sentido de que não tinha muitos «vícios negativos» previamente adquiridos, mas por outra parte também implicava uma maior dificuldade pela inexperiência e a insegurança típicas do começo.

O facto de sermos quatro alunos no grupo de estágio também tem tido as suas vantagens e inconvenientes: como ponto mais positivo, tem possibilitado uma valiosa posta em contacto com diferentes estilos e maneiras de ensino, assim como a crítica construtiva e a ajuda recíproca, por parte de companheiros com um percurso mais amplo na área da docência. Por outra parte, devido ao número de estagiários, existia a possibilidade de dar um número mais reduzido de aulas dentro da prática do estágio. Porém, a oportunidade de contratação numa escola que apareceu a inícios do ano penso que supriu esta possível falta de rodagem e se complementou bem com as aulas do estágio.

Desde o começo, senti que um dos meus pontos fortes estava no conhecimento da parte teórica, na qual o estudo anterior de alguns anos de Teologia e da licenciatura em Ciências Religiosas tinham contribuído. No aspeto comunicativo, penso que cumpria os requisitos mínimos, mas ainda tinha bastante caminho a percorrer: atualmente, posso dizer que tenho melhorado consideravelmente no aspeto da transmissão dos conteúdos e da comunicação com os alunos, ainda que sem dúvida exista uma margem de melhora, nas competências idiomáticas, comunicativas e na relação de proximidade com os alunos.

Uma das dificuldades mais evidentes que tive no começo foi de lidar com a turma nos momentos de maior dispersão e de agitação, de maneira que pudessem ser transmitidos satisfatoriamente os conteúdos, e as atividades programadas fossem corretamente realizadas. Ao longo do percurso também tenho aprendido a relativizar um pouco esta parte, a não estar tão obsessivo ou excessivamente preocupado com manter a disciplina na sala de aula. Neste sentido, tenho aprendido que cada turma e cada aluno é uma realidade dinâmica e em constante evolução, e que por tanto deve existir um diálogo permanente entre o docente e a turma, de maneira que a aula é desenvolvida com a colaboração dos dois. Isto significa que nem a turma deve estar totalmente submissa e passiva frente à disposição e ao protagonismo do professor, nem muito menos que o professor deva estar a disposição total da turma, devendo existir uma contínua interação, cooperação e adaptação entre ambos, tendo em conta as situações e a relação que evoluem ao longo do tempo.

Assim, tenho experimentado que o mais importante é aprender a responder com a maior eficácia possível aos desafios que se apresentam em cada momento e às necessidades reais da turma. Neste sentido, também tenho avançado consideravelmente, ainda que posso continuar melhorando na gestão da turma nos momentos mais complicados, assim como na capacidade e nas estratégias para lidar com os alunos que se revelam como menos interessados, mais nervosos e distraídos.

b) Planificação das aulas

Em relação à planificação das aulas, tem prevalecido na maior parte das vezes uma alternância entre uma parte mais teórica ou expositiva e uma parte mais prática. Tem havido alguma exceção em que a maior parte da aula tem sido expositiva, mas o resultado não foi tão satisfatório. Neste sentido, também aprendi que o docente não deve estar totalmente preso aos

conteúdos e às exigências do calendário, pois isto pode repercutir de maneira não favorável no desenvolvimento das aulas. Por tanto, pode ser melhor em ocasiões dar menos conteúdos preparando uma aula mais centrada e fluída, de maneira que esses poucos conteúdos fiquem bem gravados e possam ser melhor apreendidos.

Realmente, esta experiência me tem mostrado a importância de conectar frequentemente os conteúdos com a experiência quotidiana e pessoal dos alunos. Por outra parte, a implicação dos alunos através de diversos médios é outra forma de dinamizar a aula (leituras, perguntas, diálogo, dar pequenas tarefas na sala de aula em relação ao seu ambiente e cuidado...). Igualmente, a inclusão de elementos próprios das novas tecnologias aumenta exponencialmente as possibilidades de aprendizagem, permitindo ilustrar ou dar forma a conteúdos que para alguns alunos poderiam resultar mais abstratos e teóricos.

Em definitivo, a implicação dos alunos e o uso de imagens visuais e de recursos tecnológicos nas aulas constituem uma grande ajuda que não convém desprezar. Também, todos os jogos e dinâmicas (manuais ou de outro tipo) que rompem com a estrutura clássica e tradicional do ensino costumam ser uma boa opção para a aprendizagem, a implicação e o divertimento dos alunos. Esta última dimensão (dinâmico-prática) é uma das mais exigentes para o professor, pois exige frequentemente um maior investimento na criatividade e numa preparação exaustiva. No caso de alunos com problemas de atenção, de comportamento ou com dificuldades para a aprendizagem, se revela como um método mais efetivo. Porém, pessoalmente penso que, imersos numa cultura que ressalta continuamente o valor do *imediato* e dos estímulos constantes, não devemos nunca renunciar totalmente à exposição clássica, teórica e aprofundada das temáticas (ainda que seja com a ajuda de PowerPoints, ou doutros elementos), pois nenhuma dinâmica pode substituir completamente isto (ainda que para alguns alunos resulte custoso, não mostrem muito interesse pela matéria ou este apareça muito progressivamente).

Nas minhas aulas, tenho recorrido frequentemente ao uso do PowerPoint, assim como de vídeos selecionados pelo seu valor pedagógico em relação com as temáticas a tratar. As iniciativas dos companheiros do estágio também têm sido uma fonte importante de inspiração e de aprendizagem neste sentido.

Atendendo para a disciplina de EMRC, encontramos três domínios fundamentais, que resumem ou englobam os aspetos mais importantes da disciplina: «A religião e a experiência religiosa», «A cultura cristã e a visão cristã da vida» e «A ética e a moral». O primeiro e o terceiro domínio refletem os dois componentes ou pilares fundamentais que conformam o nome da disciplina, que são a educação religiosa e a moral, respetivamente (desde uma perspetiva cristã-católica). O segundo domínio pretende estabelecer uma ponte entre a religião, a moral cristã e a sociedade, tendo mais em conta a repercussão que o Cristianismo tem em âmbitos como a arte, a cultura, a defesa dos direitos humanos... Como é afirmado no programa de EMRC de 2014, citando à Conferência Episcopal Portuguesa, «a EMRC é oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas: com fé católica ou outra, em situação de procura, indiferentes ou descrentes. Esta diversidade corresponde à situação das famílias que solicitam o apoio da EMRC»¹.

Na experiência do estágio, no contexto duma escola com identidade católica, encontramos uma base importante de conhecimentos nos alunos em relação com a religião e também com a moral desde uma perspetiva cristã. Porém, tendo em conta a realidade social em que vivemos (na qual existe uma cada vez maior pluralidade religiosa, e também em ocasiões a formação religiosa e moral é mínima) é compreensível e faz sentido que «A cultura cristã e a visão cristã da vida» seja o domínio mais abrangente, com oito metas compreendidas dentro dele. Assim sendo, podemos afirmar que a matéria é válida para todo tipo de alunos. No caso do

¹ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*, Edição Fundação SNEC, Moscavide, 2014, Apresentação III.

estágio, dentro dum contexto de escola católica, pudemos aprofundar mais nos elementos religiosos e na experiência religiosa do que teria sido possível noutros contextos educativos, partindo muitas vezes duma base de conhecimentos e de experiências já existentes. Porém, olhando para as aulas dadas, é possível perceber que, embora os conteúdos tenham uma clara orientação cristã, os elementos *estritamente* católicos dentro dos conteúdos da disciplina não são tão abundantes. Por isso, considero que a matéria tem também uma característica positiva de *flexibilidade*, no sentido de ser também transversal e poder ser orientada de várias maneiras tendo em conta o contexto concreto da escola e dos alunos.

Como afirmamos anteriormente, existe um equilíbrio geral nas metas, de maneira que no sexto ano distinguimos metas pertencentes aos três domínios fundamentais. Nas unidades letivas primeira e segunda («A pessoa humana» e «Jesus, um homem para os outros») encontramos metas pertencentes aos três domínios, enquanto que na terceira unidade letiva («A partilha do pão»), encontramos metas correspondentes aos domínios segundo e terceiro.

Neste sentido, considero que as metas, objetivos e conteúdos do sexto ano são adequados, porém exigindo ao mesmo tempo uma aplicação levada a cabo com bom senso e critério, com capacidade de transmissão e de adaptação por parte do docente, especialmente no campo dos conteúdos. Tendo em conta as metas e os objetivos, fazendo um bom uso dos conteúdos e utilizando uma metodologia adequada, é realmente possível atingir as finalidades principais que se propõem no programa da disciplina, como por exemplo «conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã», «adquirir um vasto conhecimento sobre Jesus Cristo...» ou «aprender o fundamento religioso da moral cristã».

Também, considero que os manuais são realmente válidos e completos, oferecendo uma série de conteúdos úteis e de boa qualidade. Porém, senti a falta em ocasiões de mais atividades práticas ou de propostas dinâmicas presentes nos manuais. Neste sentido, no decorrer das aulas do estágio, a parte expositiva esteve a maior parte das vezes baseada *fundamentalmente*

no manual, enquanto que muitas das atividades e dinâmicas práticas exigiram de nós uma maior criatividade, também no sentido de acudir a outras fontes ou recursos externos.

c) Funcionamento do núcleo de estágio

Realmente, no nosso núcleo de estágio tem havido um admirável espírito de cooperação. Considero que cada um de nós tem aportado coisas aos outros, e também aprendido, cada um na medida das suas características e possibilidades. Este trabalho colaborativo se reflete em diversos aspetos, como a partilha dos materiais, os conselhos dados, as atividades preparadas em conjunto, as refeições feitas juntos...

No âmbito da heteroavaliação das aulas houve por vezes algumas resistências e discordâncias acerca das opiniões surgidas, das sugestões ou críticas feitas pelos outros, mas penso que ainda que nem sempre seja fácil encaixar as críticas, também elas têm ajudado no nosso percurso de aprendizagem.

Definitivamente, o estágio, com a diversidade de estilos e de formas de dar as aulas contempladas, tem suposto uma contribuição para exercer a docência de EMRC de maneira motivada, eficaz e profissional. Neste sentido, pessoalmente, a motivação ao longo do curso tem estado *geralmente* alta, e assim percebi também normalmente no grupo, apesar das pequenas dificuldades, que sempre aparecem.

Nesta parte, também é importante valorizar a dedicação e o serviço do professor cooperante, Bento Oliveira. Desde a minha perspetiva, como ponto mais positivo, destaco a sua honestidade crítica e disposição para dar continuamente uma sincera opinião (ou *feedback*) sobre o percurso do estágio e sobre o nosso desempenho, fosse positiva ou negativamente. Também, tem sido importante a boa disposição e a contribuição do professor cooperante para

ajudar na medida do possível ao desenvolvimento do nosso percurso de estágio, mantendo a exigência, e ao mesmo tempo tratando de ajudar, facilitar ou simplificar o nosso trabalho.

Pessoalmente, tenho assistido a todas as sessões do estágio nas terças-feiras. Sem dúvida, considero que a PES tem sido uma experiência útil. No meu caso, penso que tem suposto uma boa introdução e iniciação ao mundo prático do ensino EMRC. Minha valoração geral é positiva, tendo em conta que individualmente e como grupo, temos apreendido e melhorado em vários pontos neste percurso.

Capítulo II: A riqueza inerente à unidade letiva 1 «A pessoa humana»:

a) Pertinência da unidade letiva no processo de ensino-aprendizagem e no desenvolvimento deste Relatório

A unidade letiva escolhida intitula-se «A pessoa humana», correspondente ao sexto ano, enquadra-se no segundo ciclo do ensino básico. Esta unidade resulta particularmente interessante devido a abranger muitas das componentes e características (gerais e comuns) a todos os membros da família humana, ao mesmo tempo que vai progressivamente estabelecendo umnexo ou ligação entre a perspetiva especificamente cristã e estas realidades propriamente humanas.

Precisamente, esta unidade encabeça o manual do sexto ano com uma intenção principal: realizar um percurso ou itinerário pedagógico que conduz desde as dimensões mais gerais e típicas em todo o género humano até os aspetos mais essenciais e concretos do Cristianismo, como a figura e a missão de Jesus Cristo e o significado da Eucaristia.

Assim, o manual pretende estabelecer e desenvolver esta relação entre a vertente antropológica e teológica duma maneira transitiva, lógica e não forçada. De facto, dentro do manual do sexto ano, existe uma sequência lógica que apresenta na unidade letiva 1 «A pessoa humana», na unidade letiva 2 «Jesus, um homem para os outros» (como protótipo de humanidade a seguir, plenificada) e na unidade letiva 3 «A partilha do pão» (como consequência e em relação direta com a vida e a mensagem de Jesus)².

Como afirmamos, a interação entre a perspetiva antropológica e teológica é uma das constantes nesta unidade letiva. Além da dimensão espiritual, que é abordada detalhadamente em algumas páginas, existe uma pretensão de falar acerca da dimensão antropológica e das

² Cf. SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Estou Contigo, Manual de Educação Moral e Religiosa Católica do 6º ano*, Edição Fundação SNEC, Lisboa, 2015.

realidades humanas aportando ao mesmo tempo uma visão e uma perspectiva teológica. Como exemplo desta interação antropológico-teológica, encontramos o objetivo primeiro da unidade, intitulado «reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros», acompanhado da meta «construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história»³, enquadrada dentro do domínio «religião e experiência religiosa»⁴.

Atendendo aos conteúdos do manual do sexto ano, é perceptível também uma evolução e uma conexão entre eles ao longo da unidade letiva. Inicialmente, parte-se duma definição e duma aproximação básica ao conceito de *pessoa humana*. De seguida, são analisadas as diversas dimensões constituintes dum complexo conjunto que é o ser humano: fundamentalmente, a *dimensão biológica*, a *dimensão social* e a *dimensão espiritual*.

Após esta abordagem das diferentes dimensões humanas, encontramos um dos pontos que podemos considerar como mais fundamentais e centrais no equilíbrio e na compreensão da unidade letiva e da vocação mais elementar e destacada do ser humano e do ser cristão, que é o acto de amar. Esta relevância e centralidade do amor⁵, são abordadas no tema sublinhando também a relação com outros conceitos significativos como *autenticidade*, *vocação* e *felicidade*⁶.

Olhando para os conteúdos da unidade letiva, vemos como depois de tratar acerca do amor como aspeto fulcral da pessoa, passa-se a outros temas que fazem referência à alteridade: a dimensão da relação com Deus e com outras pessoas. Assim, encontramos nos conteúdos da unidade referências ao estabelecimento duma relação pessoal com Deus⁷ e também aos direitos e deveres da pessoa. Portanto, a capacidade de amar se apresenta como o eixo unificador da pessoa e das suas relações, como lugar humano no qual coincidem as dimensões

³ Cf. SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa*, 62.

⁴ Cf. *Ibidem*, 8.

⁵ Cf. Dvd, Portefólio, «Separador Lecionação Unidades Letivas - Planificações Nível IV», 9.

⁶ Cf. IDEM, *Estou Contigo, Manual de Educação Moral e Religiosa Católica do 6º ano*, 24-29.

⁷ Cf. Dvd, Portefólio, «Separador Lecionação Unidades Letivas - Planificações Nível IV», 14.

antropológicas e teológicas, a relação do ser humano com os seus semelhantes e com Deus criador.

Por este motivo, considero o amor humano e cristão⁸ como uma temática pertinente e interessante para desenvolver e aprofundar, tendo como base a sua centralidade e o papel fundamental que desempenha dentro do contexto e do âmbito da antropologia teológica.

b) Análise da unidade letiva

Precisar o significado e a relevância do amor é um passo decisivo para o desenvolvimento duma perspetiva antropológico-teológica unificadora, potenciadora e realista. Assim sendo, ao longo de todos os conteúdos da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, encontramos também outras unidades letivas que dão uma relevância explícita a este aspeto, concretamente: a unidade letiva quarta do segundo ano do ensino básico, intitulada «Deus é Amor»; a unidade letiva terceira do quinto ano, intitulada «A família, Comunidade de Amor»; a unidade letiva primeira do oitavo ano, «O Amor Humano»; a unidade letiva quarta («A civilização do Amor») e a décima («Amor e Sexualidade») correspondentes ao ensino secundário. Portanto, seja de maneira explícita em algumas lições ou implícita em todas elas, a temática do amor é uma constante transversal presente na base da disciplina, que percorre todos os seus conteúdos e ensinamentos.

Numa das aulas realizadas⁹, correspondentes a esta unidade letiva, o ponto fundamental de partida e desenvolvimento foi o texto bíblico de 1 Jo 4, 7-21 que, de maneira admirável, expressa o que anteriormente tem sido afirmado acerca da centralidade do amor na pessoa e da sua relevância antropológico-teológica. A partir deste texto, foi possível explorar com os

⁸ Tal e como aparece expressado, de maneira admirável, na cita bíblica de 1 Jo 4, 7-21.

⁹ Cf. Dvd, Portefólio, «Separador Lecionação Unidades Letivas – Análise do processo de ensino-aprendizagem», 16.

alunos alguns conceitos importantes. Em primeiro lugar, o texto insiste em que *Deus nos amou primeiro*. Mas, por outro lado, para amar é preciso haver um destinatário, por isso o texto proclama ao mesmo tempo e em consequência o valor ontológico da pessoa. Não haveria dimensão religiosa sem a existência do ser humano (ἄνθρωπος¹⁰), mas também não poderia existir sem a primazia e a iniciativa divina. Isto influencia também na relação que temos com os demais e se reflete nos pequenos gestos e atos no quotidiano da vida. Por isso, é possível a partir do texto bíblico apresentado no manual, estabelecer com os alunos uma interação adaptando a linguagem e refletindo sobre algumas manifestações ou expressões específicas do amor na pessoa, sem prescindir da visão teológica. Por exemplo, dentro desta temática são pertinentes questões como «lembras-te de alguma situação concreta em que tenhas amado ou superado o teu egoísmo?», «que é o que te faz ser uma pessoa única?» ou «qual é o significado da afirmação segundo a qual *Deus nos amou primeiro*?»

O programa da disciplina também expressa com a seguinte reflexão a importância da pessoa em relação com Deus no contexto duma vivência de amor:

«A pessoa, criada à imagem e semelhança de Deus, está vocacionada para a bem-aventurança que corresponde ao desejo natural de felicidade. Essa vocação humana reveste-se de uma forma pessoal que, para o crente cristão, significa manifestar a imagem de Deus e ser transformado à imagem de Cristo. No entanto, como o amor a Deus é indissociável do amor ao próximo, a felicidade e a realização humana não são possíveis sem a fraternidade, na verdade e no amor. Neste sentido, não só a disciplina deve apresentar a totalidade e exigência da proposta cristã de leitura e ação sobre as realidades humanas, como proporcionar a reflexão e as experiências pedagógicas que possibilitem aos alunos e às alunas uma participação na vida da escola, no seu processo educativo e na intervenção social (nomeadamente, na sua família e na sua vizinhança) que seja, de acordo com o potencial da sua idade, um contributo eficaz para uma sociedade mais justa, mais bela e mais bondosa»¹¹.

¹⁰ Cf. I. PEREIRA, «Ἄνθρωπος», in Dicionário Grego-Português, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1984, 50-51.

¹¹ SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 163.

O programa de Educação Moral e Religiosa Católica, e concretamente a unidade letiva «A pessoa humana», enfatizam a chamada ou vocação do ser humano à felicidade, que vai-se realizando através da vivência do Amor no sentido *horizontal* (com o próximo) e *vertical* (com Deus).

O termo *pessoa*¹², procedente do vocábulo grego *prósopon* (πρόσωπον), fazia referência nas suas origens a uma máscara de personagem usada na Grécia, nas representações teatrais então realizadas. Mais tarde, seria adotado o vocábulo latino *persona* e o significado evoluiria até se converter numa espécie de sinónimo do conceito *ser humano*, tal e como o conhecemos hoje em dia.

Na vertente teológica¹³, o termo *prósopon* também adquiriu uma conotação particular e concreta, aparecendo frequentemente nas discussões e reflexões surgidas em torno ao mistério da Santíssima Trindade nos primeiros séculos do Cristianismo, particularmente nos concílios ecuménicos de Niceia (325) e de Constantinopla (381). Neste contexto, as três pessoas da Trindade eram designadas através deste termo (e também frequentemente através do vocábulo *hipóstase*), como manifestações distintas próprias dum mesmo Deus (três pessoas numa só *ousía* ou essência).

Aliás, no caso da reflexão própria da Cristologia, se distinguem em Jesus Cristo uma só pessoa ou *prósopon* e duas naturezas ou *ousiai* diferentes: a humana e a divina. Para expressar esta realidade, foi utilizado o termo de *união hipostática*¹⁴, como resultado duma reflexão que se desenvolveu principalmente ao longo do concílio de Calcedónia (451). Deste modo, é perceptível como a *pessoa* ocupa um lugar fundamental na reflexão filosófica e teológica ao longo da história. Também, desde a perspetiva bíblica é salientada a importância e a identidade do ser humano, fundamentadas na sua relação com Deus. Nesta direção, afirma o teólogo Romano Guardini:

¹² Cf. J. TEIXEIRA, «Pessoa», in *Enciclopédia Logos Vol. IV*, Verbo, Lisboa/São Paulo, 1992, 95-120.

¹³ Cf. *Ibidem*, 98.

¹⁴ Cf. *Ibidem*, 99.

«A minha autêntica subjetividade fundamenta-se no facto de Deus ser o meu Tu. Surge aqui claramente, conjugado com a filosofia contemporânea da existência, o motivo religioso da Bíblia, segundo o qual a dignidade advém ao homem por este ser criatura que participa no ser de Deus, chamada a comungar da vida do mesmo Deus»¹⁵.

Portanto, o ser humano já não permanece só como uma entidade intangível, volúvel ou de caráter *teatral* mas como uma identidade real, valiosa e fundamentada.

Neste breve percurso etimológico, é perceptível novamente a profunda relação *estabelecida* entre a antropologia, a filosofia e a teologia, que se reflete também ao longo de toda a primeira unidade letiva do sexto ano, elaborada de maneira progressiva e adaptada às características do aluno. Deste modo, se pretende aprofundar na visão segundo a qual a natureza da pessoa e o ser de Deus implicam diferença e ao mesmo tempo semelhança; alteridade, e ao mesmo tempo profunda relação. Esta importância da pessoa em relação com Deus foi expressa de maneira admirável por Santo Irineu de Lião, quando afirmou que «a glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus»¹⁶.

Tendo descoberto e posto em relevo a importância do amor através das questões suscitadas na análise da presente unidade letiva, a seguir entraremos de maneira mais detalhada no estudo da temática escolhida, atendendo em primeiro lugar à importância da sua definição.

¹⁵ *Ibidem*, 114.

¹⁶ SANTO IRINEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, Lib. 4, 20, 7, in http://www.lusosofia.net/textos/jose_rosa_fe_comunicacao_fe.pdf, consultado em 23-06-2017, 15:08.

Capítulo III: A pessoa como ato de amor

a) A definição do amor

Em primeiro lugar, é importante advertir que em nós convergem e podem existir vários tipos de *amores*, segundo a descrição que o pensamento da antiga Grécia fez com base nos diferentes matizes com os quais o amor pode ser e manifestar-se¹⁷. Neste estudo mais aprofundado, centrar-nos-emos em duas das principais tipologias existentes, denominadas a primeira como *eros* (ἔρως) e a segunda como *ágape* (αγάπη) ou *caritas*¹⁸ (termo consideravelmente similar próprio do latim que foi assumido pela Igreja desde os primeiros tempos, e que também usaremos neste escrito).

O amor nunca tem sido fácil de descrever, constituindo uma força em parte misteriosa e polifacetada, que tratamos de conhecer com base na própria experiência, nas palavras e nas manifestações externas que nos rodeiam. Atendendo a uma conhecida afirmação de La Rochefoucauld, na qual afirma que o amor é «como os espectros de que toda a gente fala e ninguém viu»¹⁹, devemos entrar neste campo de maneira prudente e vigilante, sem demasiados preconceitos, com perspicácia analítica e abertura perante as surpresas, num terreno que ultrapassa o aspeto meramente racional. Assim como é afirmado na popular obra *O Príncipezinho*: «o essencial é invisível para os olhos»²⁰.

O nosso objetivo é identificar e definir o melhor possível estas duas tipologias do amor, tendo como referência à pessoa como o lugar humano de confluência no qual potencialmente se desenvolvem, interatuam e se encontram. Ao mesmo tempo, prestaremos uma particular

¹⁷ Cf. I. PEREIRA, «Amor», 756.

¹⁸ Cf. A. FERREIRA, «Caritas», in *Dicionário de Latim-Português*, Porto Editora, Porto, 1994, 201.

¹⁹ A. SCHOPENHAUER, *Metafísica do Amor*, Inquérito, Lisboa, 1940, 8.

²⁰ A. SAINT-EXUPÉRY, *Le Petit Prince*, Gallimard, Paris, 1940, 72: «L'essentiel est invisible pour les yeux». Traduzido por mim.

atenção ao aspeto teológico, como caminho privilegiado de esclarecimento, de aprofundamento e amadurecimento da presença do amor no ser humano, na sua relação com Deus.

Para este intento, é conveniente recorrer a diversas fontes bíblicas e a escritos (provenientes do Magistério e de autores relevantes) que levaram a cabo esta tarefa de analisar e de interpretar o amor a partir desta perspectiva. Desta forma, aproximarmos-nos-emos à visão de autores alheios ao âmbito propriamente teológico, pertencentes a campos diversos mas relacionados, como são a Filosofia e a Psicologia, com o objetivo de atingir uma perspectiva mais global e de enriquecer concomitantemente a reflexão.

Realmente, como mencionamos anteriormente, o amor humano é uma realidade de íngreme definição, não redutível facilmente a categorias nem protótipos, mesmo a sentimentos: prova disto são as múltiplas aceções da palavra, que são oferecidas na maioria das versões dos dicionários de língua portuguesa²¹. Ao mesmo tempo, habitamos numa época em que existe uma maior futilidade na utilização do termo, em simultaneidade com uma considerável relativização e confusão semântica do mesmo. Como afirma o Papa Bento XVI, «o termo “amor” tornou-se, hoje, uma das palavras mais usadas e, até abusadas, à qual associamos significados completamente diferentes»²². Por esta razão, é importante recorrer a fontes com um certo grau de competência para abordar a árdua tarefa da sua definição: as afirmações dos diversos autores deverão constituir um primeiro passo que encaminhe em direção a uma maior síntese e unidade.

O filósofo e ensaísta José Ortega e Gasset realizou uma série de investigações a respeito do termo, recolhidas numa obra intitulada *Estudios sobre el amor*. Na descrição do autor, o amor

²¹ Cf. J. ALMEIDA E A. SAMPAIO E MELO, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, Porto, 1992, 95: «Sentimento que nos impele para o objecto dos nossos desejos; objecto da nossa afeição; paixão; afecto; inclinação; amor captativo ou possessivo: amor que procura monopolizar o outro para si; amor conjugal: é o abraço radical pelo qual uma pessoa une ao seu destino o ser de outra pessoa; amor oblato: o que se dedica a outrem».

²² BENTO XVI, Carta enc. *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005), 2: AAS 98 (março 2006), 218. Outras notas referentes a este documento serão assinaladas com a sigla DCE.

guarda uma estreita relação com o êxtase, entendido como acontecimento que conduz o sujeito a sair para fora de si, a ir mais além.

Ao longo das páginas da obra, encontramos diversas citações que explicitam e descrevem esta condição:

«No ato amoroso, a pessoa sai fora de si: talvez seja o máximo ensaio que a natureza faz para que cada um saia de si mesmo em direção a outra coisa. Não ela até mim, mas eu gravito em direção a ela»²³.

Indo mais além nesta descrição, o autor afirma que «no amor, o típico é que se escapa a alma da nossa mão e fica como sorvida pela outra»²⁴.

Em primeiro lugar, portanto, o amor não é inicialmente o resultado dum esforço ou do empenho pessoal, mas começa por uma atração que transcende o plano meramente material ou físico, acontecendo e brotando na interioridade do sujeito.

Também o filósofo e teólogo M.-D. Molinié explica:

«Amar não é *em primeiro lugar* ser heroico no desinteresse: pelo contrário, esta perfeição só chega no fim. Amar é, em primeiro lugar, ser atraído, seduzido, cativado. O primeiro ato livre e meritório que se nos pede é ceder a esta sedução, a este atrativo de deixar-se tomar, de deixar-se possuir..., de deixar-se fazer. É algo muito simples que se desencadeia no nosso coração, não se sabe como nem por que, e que torna fácil todo o resto»²⁵.

Neste sentido, verificamos que o amor começa por uma sedução e uma atração que se produz no íntimo do nosso ser. Apesar da possibilidade aparente de confusão entre os termos, existem

²³ J. ORTEGA E GASSET, *Estudios sobre el amor*, Revista de Occidente, Madrid, 1994, 16: «En el acto amoroso, la persona sale fuera de sí: es tal vez el máximo ensayo que la Naturaleza hace para que cada cual salga de sí mismo hacia otra cosa. No ella hacia mí, sino yo gravito hacia ella». Traduzido por mim.

²⁴ *Ibidem*, 200: «En el amor, lo típico es que se nos escapa el alma de nuestra mano y queda como sorvida por la otra». Traduzido por mim.

²⁵ M.-D. MOLINIÉ, *El Coraje de tener miedo*, San Pablo, Madrid, 1997, 18: «Amar no es *en primer lugar* ser heroico en el desinterés: al contrario, esta perfección sólo llega al final. Amar es, en primer lugar, ser atraído, seducido, cautivado. El primer acto libre y meritório que se nos pide es el de ceder a esta seducción, a este atractivo de dejarse tomar, de dejarse “poseer”..., de dejarse hacer. Es algo muy simple que se desencadena en nuestro corazón, no se sabe cómo ni por qué, y que hace fácil todo lo demás». Traduzido por mim.

elementos dicotômicos que nos permitem distinguir entre o conceito de amor verdadeiro e a paixão que não é amor verdadeiro.

Comparando a visão destes autores com aquela que é oferecida pelo Papa Bento XVI na encíclica *Deus Caritas Est*, encontramos bastantes semelhanças e alguns aspetos diversos: com respeito à visão de Ortega e Gasset, Bento XVI faz uma maior incidência no carácter dinâmico e evolutivo do amor, coincidindo na importância *do sair fora de si*; em relação a M.-D. Molinié, ambos sublinham o carácter processual e gradual do amor amadurecido através do tempo. Podemos verificá-lo na seguinte afirmação:

«Sim, o amor é “êxtase”; êxtase, não no sentido de um instante de inebriamento, mas sim como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para a sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus»²⁶.

Assim, estamos verificando alguns dos elementos característicos do amor que nasce e que se desenvolve na autenticidade, pois «o amor não é um disparo, mas uma emanção continuada, uma irradiação psíquica que vai do amante ao amado. Não é um golpe único, mas uma corrente»²⁷. O amor, por tanto, é caracterizado e provado através do passo do tempo e da continuidade, distanciando-se assim marcadamente da paixão contingente e da fugacidade sentimental.

Por outro lado, surpreendentemente, para o autor José Ortega y Gasset, o amor consiste numa eleição tão íntima e radicada nas profundidades do ser que supera as próprias categorias pessoais fundamentadas nos critérios mais superficiais e conscientes de escolha:

²⁶ BENTO XVI, *DCE*, 6: AAS 98 (2006), 222.

²⁷ J. ORTEGA E GASSET, *Estudios sobre el amor*, 20: «El amor no es un disparo, sino una emanación continuada, una irradiación psíquica que del amante va a lo amado. No es un golpe único, sino una corriente». Traduzido por mim.

«O amor é, pela sua essência, eleição. E como brota do centro pessoal, da profundidade anímica, os princípios seletivos que decidem são ao mesmo tempo as preferências mais íntimas e arcanas que formam o nosso caráter individual»²⁸.

Realmente, no amor há uma clara componente de *eleição* e de *escolha*. Todavia, segundo a visão do autor, no contexto do amor humano, este ato tem uma série de conotações particulares:

«Esta ideia de que no amor há eleição (uma eleição muito mais efetiva do que quantas podem fazer-se consciente e deliberadamente), e de que essa eleição não é livre, mas depende de qual seja o caráter radical do sujeito, tem de parecer desde logo inaceitável a quem conserva uma interpretação psicológica do homem que, no meu juízo, se tem tornado periclitante e deve substituir-se»²⁹.

Assim, ainda que não devamos cair no erro de identificar o amor com extremos psicológicos de obsessão, verifica-se uma componente significativa de *irrupção*, de surpresa e de íntima ligação que formam parte da sua essência, ultrapassando os critérios meramente lógicos, superficiais e totalmente conscientes. Assim sendo, um ser fica adscrito a outro ser, pois «um amor pleno, que tenha nascido na raiz da pessoa, não pode verossimilmente morrer. Fica por sempre inserto na alma sensível»³⁰.

Com respeito à exclusividade e à permanência do amor, Bento XVI também lhes outorga uma considerável importância dentro do seu pensamento, ainda que *novamente* destaque o caráter evolutivo e processual próprio do amor:

²⁸ *Ibidem*, 104-105: Es, pues, el amor, por su misma esencia, elección. Y como brota del centro personal, de la profundidad anímica, los principios selectivos que la deciden son a la vez las preferencias más íntimas y arcanas que forman nuestro carácter individual». Traduzido por mim.

²⁹ *Ibidem*, 121: «Esta idea de que en el amor hay elección -una elección mucho más efectiva que cuantas se pueden hacer consciente, deliberadamente- y que esa elección no es libre, sino que depende de cuál sea el carácter radical del sujeto, tiene que parecer, desde luego, inaceptable a quienes conservan una interpretación psicológica del hombre que, a mi juicio, ha periclitado y debe sustituirse». Traduzido por mim.

³⁰ *Ibidem*, 40: «Un amor pleno, que haya nacido en la raíz de la persona, no puede verosímilmente morir. Va inserto por siempre en el alma sensible». Traduzido por mim.

«Faz parte da evolução do amor para níveis mais altos, para as suas íntimas purificações, que ele procure agora o carácter definitivo, e isto num duplo sentido: no sentido da exclusividade – “apenas esta única pessoa” - e no sentido de ser “para sempre”. O amor compreende a totalidade da existência em toda a sua dimensão, inclusive a temporal. Nem poderia ser de outro modo, porque a sua promessa visa o definitivo: o amor visa a eternidade»³¹.

Nesta ocasião, o autor faz alusão concretamente ao amor matrimonial, sublinhando o carácter singular e exclusivo que aquela união possui. Noutros casos, tipologias ou situações, o amor conserva também o carácter definitivo (o verdadeiro amor conduz livremente para o compromisso e para a eternidade), não sendo reduzido unicamente a uma pessoa: por exemplo, o amor aos filhos ou o amor universal manifestado em Jesus Cristo em aqueles que entregam sua vida em favor da humanidade. Aliás, este amor nunca é idêntico ou homogêneo em relação a um grupo, mas ama a cada qual de maneira diferente, olhando precisamente para a sua singularidade. Estas duas características, a perdurabilidade e a entrega que está marcada pelo reconhecimento da singularidade, são próprias do amor.

Assim, o amor acontece e desenvolve-se num lugar e num tempo concretos, mas, paradoxalmente, pode ir ainda mais além das categorias espaço-temporais existentes.

Deste modo, os autores Ortega e Gasset e M.-D. Molinié descrevem o amor principalmente a partir da perspectiva da *eleição íntima* e do *dom recebido*, dentro do marco duma experiência que é primeira e fundamentalmente *passiva*. Em relação com o pensamento do amor, enquadrado dentro da *lógica do dom*, o filósofo e teólogo Serafín Béjar afirma que «pela sua própria definição, o amor é aquela realidade que não se pode realizar como uma conquista da própria vontade, pois o amor somente é verdadeiro desde a *lógica do dom*. Assim sendo, o amor é o “excesso” mesmo feito acontecimento»³².

³¹ BENTO XVI, *DCE*, 6: AAS 98 (2006), 222.

³² S. BÉJAR, *Cinco razones para creer. Experiencias de la desproporción*, Sal Terrae, Santander, 2013, 94: «Por su propia definición, el amor es aquella realidad que no se puede realizar como una conquista de la propia voluntad, ya que el amor solamente es verdadero desde la lógica del don. Por tanto, el amor es el “exceso” mismo hecho acontecimiento». Traduzido por mim.

Porém, existem também outras posições e visões com respeito ao amor, que incidem em maior medida na dimensão do desenvolvimento da *capacidade*, do esforço e da tarefa que amar implica.

A partir de uma vertente psicológica pós-freudiana, o psicanalista alemão Erich Fromm oferece uma perspectiva nesta linha:

«Além do elemento de dar, o caráter ativo do amor torna-se evidente no facto de implicar sempre certos elementos básicos, comuns a todas as formas de amor. São eles: cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento»³³.

Com este pensamento, o autor está sublinhando a importância da *capacidade* de amar, por cima de outros aspetos socialmente mais salientados, como os sentimentos ou as qualidades próprias do ser amado. Através da reflexão seguinte, continua aprofundando nesta visão:

«O amor não é, primacialmente, uma relação com uma pessoa específica; é uma atitude, uma orientação do caráter, que determina a relação de alguém para com o mundo como um todo, e não para com um “objeto” de amor. Se uma pessoa ama apenas a uma outra pessoa e é indiferente ao resto dos seus semelhantes, seu amor não é amor, mas um afeto simbiótico, ou um egoísmo ampliado. Contudo, a maioria crê que o amor é constituído pelo objeto e não pela faculdade»³⁴.

Assim, o amor a partir desta perspectiva é descrito como *uma arte*³⁵, que precisa de ser consequentemente cultivada e que exige também um processo real de aprendizagem. À luz destas palavras, podemos verificar também que a capacidade de amar se encontra em estreita relação com o nível de maturidade e de desenvolvimento alcançado pela pessoa.

Sem pretensão de cair no vitimismo, o autor Erich Fromm salienta as dificuldades existentes para uma vivência autêntica do amor nas nossas sociedades atuais:

³³ E. FROMM, *A arte de Amar*, Itataia, Belo Horizonte, 1991, 38.

³⁴ *Ibidem*, 60-61.

³⁵ Cf. *Ibidem*, 9.

«Amor como satisfação sexual mútua e amor como trabalho de equipa e como porto ao abrigo da solidão são as duas formas normais da desintegração do amor na sociedade ocidental moderna, a patologia do amor socialmente modelada»³⁶.

Através desta descrição, o autor enumera algumas das principais caricaturas ou patologias do amor mais frequentes nas sociedades e tempos atuais. Por causa destes desvios, afirma que as pessoas que verdadeiramente desenvolvem a capacidade de amar constituem uma minoria ou exceção:

«Pessoas capazes de amar, sob o presente sistema, são necessariamente exceções; o amor é, por necessidade, um fenómeno marginal nos dias atuais da sociedade ocidental. Não tanto porque muitas ocupações não permitiriam uma atitude amorosa, mas porque o espírito de uma sociedade centralizada na produção, ávida de artigos, é tal que só o não-conformista pode defender-se com sucesso contra ele. Aqueles que se preocupam seriamente com o amor como a única resposta racional ao problema da existência humana devem, então, chegar à conclusão de que importantes e radicais mudanças em nossa estrutura social são necessárias, para que o amor se tome um fenómeno social, e não um fenómeno altamente individualista e marginal»³⁷.

Assim sendo, podemos vislumbrar que o amor constitui um caminho árduo em direção à liberdade, em contraposição com algumas das pulsões radicais, costumes e desejos fortemente arraigados no ser humano como são a procura de garantias, de facilidades e de seguranças palpáveis. Por isso, «amar significa entregar-se sem garantia, dar-se completamente na esperança de que nosso amor produzirá amor na pessoa amada. Amar é um ato de fé, e quem tiver mesquinha fé terá também mesquinho amor»³⁸.

Na encíclica *Deus Caritas Est*, também Bento XVI salienta a dimensão da doação e do sacrifício que caracterizam o amor, pondo Jesus Cristo como modelo desta realização:

³⁶ *Ibidem*, 113-114.

³⁷ *Ibidem*, 156.

³⁸ *Ibidem*, 151.

«Assim descreve Jesus o seu caminho pessoal, que o conduz, através da cruz, à ressurreição: o caminho do grão de trigo que cai na terra e morre, e assim dá muito fruto. Partindo do centro do seu sacrifício pessoal e do amor que aí alcança a sua plenitude, Ele, com tais palavras, descreve também a essência do amor e da existência humana em geral»³⁹.

Como conseqüências de o amor ter uma dimensão de acolhimento (mais íntima, passiva e recetiva) existe também outra dimensão fundamental que deve ser desenvolvida (fazendo-nos progressivamente capazes duma maior liberdade de entrega e de doação). Assim, tanto a atitude de acolhimento do amor como o desenvolvimento da capacidade de amar são condições elementares para a verdadeira prática do amor. Precisamente, através do caminho do amor particular e seletivo somos cada vez mais capazes de nos dar de maneira mais livre, menos possessiva e interesseira, sendo gradualmente libertados do egoísmo, do medo, do orgulho e doutras cadeias que com frequência nos atam. Este caminho, não obstante, não está isento de duras provas e do sacrifício. Para poder entregar-se é preciso ter recebido primeiro, pois não é possível dar aquilo que não se possui. Paradoxalmente, a recetividade para acolher o *dom* e a *capacidade* para entregar-se em liberdade procurando o bem do outro são características essenciais do amor pleno e maduro.

Precisamente, o amor tem uma importância significativa (com diferentes graus de centralidade) nas principais confissões religiosas, que propõem uma relação entre umas crenças determinadas e a vivência de valores, geralmente sustentados no bem e no amor. No caso do Cristianismo, a centralidade do amor é ainda mais relevante, sendo o ponto fulcral da sua essência e pregação, definindo a Deus mesmo como *o Amor*⁴⁰.

Nas palavras do autor Erich Fromm, «a psicologia, como a ciência, tem suas limitações e, assim como a conseqüência lógica da teologia é o misticismo, também a conseqüência

³⁹ BENTO XVI, *DCE*, 6: AAS 98 (2006), 222-223.

⁴⁰ Cf. 1 Jo 4, 8.

derradeira da psicologia é o amor»⁴¹. Isto implica que assim como a teologia em última instância deveria ser facilitadora do encontro com Deus (promovido através do exercício da atividade intelectual e do caminho da reflexão), a finalidade última da psicologia seria contribuir para atingir a plenitude da pessoa, que se realiza fundamentalmente no amor.

No Cristianismo, oferece-se ao ser humano a possibilidade de encontrar a sua realização mais plena no amor através do encontro com Deus, vivência que se estende também conseqüentemente à relação com os seus semelhantes. Neste sentido, a vida e a pessoa de Jesus Cristo pretendem ser a manifestação e a exemplificação da inter-relação entre a vivência do amor de Deus e do amor aos semelhantes, assim como do verdadeiro amor a si próprio. É através desta relação com o Pai que o ser humano pode acolher o Amor e dispor-se para seguir um caminho de entrega, no qual a capacidade de amar amadurece e se desenvolve, concretizando-se também em frutos e obras.

Depois deste percurso através de algumas conceções e explicações acerca do conceito de amor, podemos condensá-las afirmando que o amor humano é um caminho ou processo que implica também *receber e ser atraído*, mas que conduz progressivamente a *dar-se*, a *sair fora de si* e a *entregar-se*, superando o egoísmo em prol do verdadeiro bem e da verdadeira felicidade do outro. Como Aristóteles diz na sua *Retórica*, amar é «a vontade de querer para alguém o que se pensa que é bom – por causa dele e não do próprio- assim como pô-lo em prática até onde alcance a minha capacidade para isso»⁴², procurando esse verdadeiro bem e alegrando-se com ele. A partir daqui, desde uma perspetiva antropológico-teológica, continuaremos a indagar na senda do amor humano à luz da sua relação com Deus, considerando esta perspetiva como privilegiada para o atingimento de toda a sua plenitude, tendo em conta as dimensões do *eros* e da *caritas*.

⁴¹ E. FROMM, *A arte de Amar*, 45.

⁴² ARISTÓTELES, *Retórica*, II, 1380b36-1381a2, Madrid: Gredos, 1990: «Sea, pues, amor la voluntad de querer para alguien lo que se piensa que es bueno -por causa suya y no de uno mismo-, así como ponerlo en práctica hasta donde alcance la capacidad para ello». Traduzido por mim do espanhol.

b) A tensão entre o *eros* e a *caritas*

Ao longo da história, e também particularmente dentro do Cristianismo, não tem sido fácil a conciliação entre as diversas manifestações e formas do amor, existindo frequentemente uma maior suspeita e questionamento perante o *eros*. Com questões teológicas de fundo (que neste momento não acometeremos detalhadamente) têm existido correntes e tendências de depreciação desta dimensão, especialmente nos campos da sexualidade e do matrimônio, como por exemplo aconteceu com a corrente do Encratismo⁴³, própria do século II. Com uma importante influência da interpretação filosófica do platonismo, a assunção do dualismo entre corpo e alma conduziu em ocasiões a uma exaltação do âmbito espiritual e a uma depreciação, questionamento ou suspeita frente ao corpo e à dimensão do *eros*.

Nas últimas décadas, tem existido uma tentativa de melhor harmonizar e sintetizar estes conceitos, propondo uma conceção mais radicada na própria antropologia bíblica. Na verdade, ainda são várias as questões que criam discussão dentro do Cristianismo e na sociedade, principalmente em relação com a integração da dimensão do *eros*.

Realmente, muitas das questões que se levantam têm relação com a distância e a separação estabelecida entre o *eros* e a *caritas*, razão pela qual o encontro teórico e na práxis entre ambas se apresenta como um desafio e reflexão ainda por continuar.

Precisamente com esta intenção de sublinhar a unidade existente entre o corpo e o espírito da pessoa, o Papa João Paulo II afirmou:

«O corpo nunca pode ser reduzido a pura matéria: é um corpo “espiritualizado”, assim como o espírito está tão profundamente unido ao corpo que se pode definir como um espírito

⁴³ Cf. V. KUCHENBECKER, *O homem e o sagrado: a religiosidade através dos tempos*, Ulbra, Porto Alegre, 2004, 88.

“corporizado”. A fonte mais rica para o conhecimento do corpo é o Verbo feito carne. Cristo revela o homem ao homem. Esta afirmação do Concílio Vaticano II é, em certo sentido, a resposta, esperada desde há muito tempo, que a Igreja tem dado ao racionalismo moderno»⁴⁴.

Deste modo, avaliamos o reducionismo exclusivo e o dano que implicam as visões estritamente «materialistas» ou «espiritualistas» do ser humano, das quais encontramos exemplos paradigmáticos e numerosas manifestações ao longo da história, como por exemplo o marxismo radical e algumas das correntes religiosas depreciativas do corpo que foram surgindo.

Também, neste intuito de harmonizar, de propiciar o encontro e de mostrar a unidade entre estas duas realidades, Bento XVI assinala que «a fé cristã sempre considerou o ser humano como um ser uni-dual, em que espírito e matéria se compenetraram mutuamente, experimentando ambos precisamente desta forma uma nova nobreza»⁴⁵.

Esta duas realidades são inseparáveis, e quando se ressalta alguma delas por cima ou em detrimento da outra, surge uma visão redutora do ser humano. Todavia, a maturidade no amor, como veremos posteriormente, também guarda uma estreita relação com a unificação da pessoa. Nas palavras de Bento XVI:

«O ser humano torna-se realmente ele mesmo, quando corpo e alma se encontram em íntima unidade; o desafio do *eros* pode considerar-se verdadeiramente superado, quando se consegue esta unificação. Se o ser humano aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animal, então espírito e corpo perdem a sua dignidade. E se ele, por outro

⁴⁴ JOÃO PAULO II, CF, 19. Citado por: A. LIZARRAGA, *Persona, Sexualidad, Amor, Matrimonio. Una selección de textos de Juan Pablo II*, Navarra Gráfica Ediciones, Navarra, 2003, 28: «El cuerpo nunca puede reducirse a pura materia: es un cuerpo “espiritualizado”, así como el espíritu está tan profundamente unido al cuerpo que se puede definir como un espíritu “corporeizado”. La fuente más rica para el conocimiento del cuerpo es el Verbo hecho carne. Cristo revela el hombre al hombre. Esta afirmación del Concilio Vaticano II es, en cierto sentido, la respuesta, esperada desde hacía mucho tiempo, que la Iglesia ha dado al racionalismo moderno». Traduzido por mim.

⁴⁵ BENTO XVI, *DCE*, 5: AAS 98 (2006), 221.

lado, nega o espírito e conseqüentemente considera a matéria, o corpo, como realidade exclusiva, perde igualmente a sua grandeza»⁴⁶.

Hoje no Ocidente, em contraposição com os séculos passados, assistimos a uma forte exaltação do âmbito sexual, sendo frequentemente legitimados quase todos os diversos tipos de práticas e tendências, reduzindo-o em ocasiões a um objeto de consumo, amparado na necessidade de satisfazer as pulsões radicais.

Esta conduta, que se apresenta em ocasiões com matizes de rebelião ou de «libertação sexual» frente ao maior controlo e pressão social exercidos neste âmbito no passado século, comporta também uma série de riscos que podem implicar uma maior degradação e desintegração da pessoa, assim como fomentar a incapacidade para uma verdadeira vivência do amor.

Tal como explica o teólogo Olegario González de Cardenal, «a dinâmica do amor no mundo grego era a do ascenso desde baixo para cima. Isso era o *eros*: subida para a Beleza, Verdade e Justiça supremas»⁴⁷. Encontramos esta conceção plasmada nos escritos platónicos⁴⁸, em que Sócrates (recordando no contexto do *Banquete* o diálogo mantido com uma sacerdotisa de Mantinéia, chamada Diotima) descreve o amor como o «desejo de possuir o Bem para sempre»⁴⁹, principalmente dos atributos anteriormente citados (beleza, verdade e justiça) e conseqüentemente, também é desejo da imortalidade⁵⁰.

Assim sendo, desde a antiga Grécia já se começava a vislumbrar o amor como um processo de elevação a partir do concreto para as realidades mais altas e nobres. Por este motivo, o *eros*

⁴⁶ *Ibidem*, 5: o.c., 221.

⁴⁷ O. GONZÁLEZ DE CARDENAL, *La entraña del Cristianismo*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 2001, 651: «La dinámica del amor en el mundo griego era la del ascenso desde abajo hacia arriba. Eso era el éros: ascenso hacia la Belleza, Verdad y Justicia supremas». Traduzido por mim.

⁴⁸ *O Banquete* é a obra na qual Platão reflete de maneira explícita acerca do conceito de amor, valendo-se do diálogo estabelecido entre os principais convivas reunidos junto à mesa. Porém, esta temática está também presente noutras obras platónicas: por exemplo, na *República*, o amor entregado aparece exemplificado na descida de Sócrates ao Pireu (Cf. PLATÃO, *A República*, I, 327a-328b, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001).

⁴⁹ IDEM, *O banquete*, 206a, Lisboa: Verbo, 1973.

⁵⁰ Cf. *Ibidem*, 207a.

pode contribuir para a elevação ou para a degradação do ser humano, segundo as condições e o contexto no qual acontece e se desenvolve: como afirma o Papa Bento XVI, «o *eros* inebriante e descontrolado não é subida, “êxtase” até ao Divino, mas queda, degradação do homem»⁵¹.

Em consequência, no seu intuito de alcançar uma suposta e almejada «liberdade», o ser humano corre o risco de afastar-se do amor autêntico e da felicidade que realmente procura. Por isso, o *eros* precisa de um contexto determinado e adequado para acontecer e dum espaço onde possa ser manifestação real de amor e de vida, em vez de constituir uma causa ou motivo de degradação para a pessoa. Ou, de outra maneira: precisa de ser conduzido disciplinarmente para se transcender e apontar mais além:

«Fica assim claro que o *eros* necessita de disciplina, de purificação para dar ao homem, não o prazer de um instante, mas uma certa amostra do vértice da existência, daquela beatitude para que tende todo o nosso ser»⁵².

O objetivo é encaminhar ou educar a dimensão *eros*, de maneira que não fique ancorada só nos anseios, sentimentos e apetências do sujeito, mas possa desabrochar e passe a ser parte integrante dum amor mais pleno e maduro:

«Sim, o *eros* quer-nos elevar “em êxtase” para o Divino, conduzir-nos para além de nós próprios, mas por isso mesmo requer um caminho de ascese, renúncias, purificações e saneamentos»⁵³.

Deste modo, para que a dimensão do amor *eros* contribua para o bem da pessoa, deverá estar enquadrado dentro dum caminho de amor autêntico, em que a dimensão da *ágape* é simultaneamente essencial, não ficando assim o amor fechado ou ancorado tão só na procura da satisfação própria, mas constituindo-se também em dádiva de si mesmo. Assim, vislumbramos que para atingir o bem real da pessoa, não é recomendável que o *eros* e a

⁵¹ BENTO XVI, *DCE*, 4: AAS 98 (2006), 220.

⁵² *Ibidem*, 4: o.c., 220.

⁵³ *Ibidem*, 5: o.c., 221-222.

caritas estejam separados. Tal como aponta o teólogo argentino José Alberto Quelas, «a outra ladeira da erótica é a *caritas*. Mas já não uma *caritas* “incontaminada” de *eros* – e, então, des-humanizada e des-divinizada – Deus é Deus-com-nós-, mas uma *caritas* preñe pelo *eros* que a tem enriquecido por dentro para a fazer humano-divina e fecunda»⁵⁴.

Precisamente, a tentação dum *eros* fechado em si mesmo ou duma *caritas* desentendida (ou constituída como «inimiga») da dimensão erótica constituem os dois principais obstáculos para o desenvolvimento e a frutificação do amor. Na mesma linha, Bento XVI assinala:

«Na realidade, *eros* e *ágape* — amor ascendente e amor descendente — nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, ascendente — fascinação pela grande promessa de felicidade — depois, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, preocupar-se-á cada vez mais dele, doar-se-á e desejará “existir para” o outro. Assim se insere nele o momento da *ágape*; caso contrário, o *eros* decai e perde mesmo a sua própria natureza»⁵⁵.

Após a leitura deste parágrafo, devemos reafirmar novamente o carácter gradual, dinâmico e evolutivo do amor, como já foi sublinhado no capítulo anterior. Neste sentido, é próprio do amor evoluir em direção a uma maior entrega e doação de si.

Porém, isto não deveria equivaler a menosprezar ou a querer reduzir em momento algum a importância do *eros*:

⁵⁴ A. QUELAS, *De la erótica teologal a la erótica teológica. Una interpretación de Olegario González de Cardenal y Adolphe Gesché desde el éros divino-humano*, Extracto de la tesis presentada para la obtención del grado de Doctor, Universidad Pontificia de Comillas, Madrid, 2015, 179-180: «La otra ladera de la erótica es la *caritas*. Pero ya no una *caritas* “incontaminada” de éros –y, entonces, des-humanizada y desdivinizada -Dios es Dios-con-nosotros-, sino una *caritas* preñada por el éros que la ha enriquecido por dentro para hacerla humano-divina y fecunda». Traduzido por mim.

⁵⁵ BENTO XVI, *DCE*, 7: AAS 98 (2006), 223.

«Por outro lado, o homem também não pode viver exclusivamente no amor oblato, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom. Certamente, o homem pode — como nos diz o Senhor — tornar-se uma fonte donde correm rios de água viva (cf. Jo 7, 37-38); mas, para se tornar semelhante fonte, deve ele mesmo beber incessantemente da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. Jo 19, 34)»⁵⁶.

Se pensarmos no *eros* considerando a necessidade que o ser humano tem de alimentar-se do amor antes de poder dá-lo aos outros, poderemos apreciar que se revela como uma dimensão igualmente importante e necessária. A experiência e a tradição cristã também mostram de maneira significativa este equilíbrio que habita no ato de acolher e receber para depois dar e se entregar, encontrando na pessoa de Jesus Cristo o exemplo mais sublime.

Por isso, dentro do âmbito da antropologia teológica, é possível desenvolver uma concepção do amor integral e equilibrada, que favoreça o seu desenvolvimento e amadurecimento em favor do bem real da pessoa. A tradição bíblica permite-nos perceber, para lá das suas diversas formas e manifestações, a unidade do amor fundamentada no ser de Deus. Nesta direção, o teólogo Olegario González de Cardenal aponta:

«Por isso todo o *eros* contém algo de *ágape*, e toda a *ágape* contém algo de *eros*. Não se pode separar assim o amor de Deus da dimensão erótica inerente à condição carnal do homem nem o amor entre os homens da dimensão agápica. Um *eros* que seja só erótico degrada à pessoa ao passional pré-humano [...]. Uma *ágape*, que fosse só agápico, seria desumano, porque a pessoa existe só como encarnada; pelo qual, não há exercício da liberdade sem o corpo e sua paixão. Todo o exercício verdadeiramente passional se desborda sobre si mesmo em gratidão e oblatividade. A soberania do *logos* sobre o *pathos* não significa o extermínio deste, mas a sua integração»⁵⁷.

⁵⁶ *Ibidem*, 7: o.c., 223-224.

⁵⁷ O. GONZÁLEZ DE CARDENAL, *La entraña del Cristianismo*, 640: «Por eso todo Éros contiene algo de Ágape y todo Ágape contiene algo de Éros. No se puede separar así el amor de Dios de la dimensión erótica inherente a la condición encarnativa del hombre ni del amor entre los hombres de la dimensión agápica. Un éros que sea sólo erótico degrada a la persona a lo pasional prehumano». Traduzido por mim.

Assim sendo, encontramos uma estreita relação entre o amor de Deus e o amor vivido pelo ser humano. Isto equivale a afirmar que, tendo em conta e seguindo as categorias que utilizamos, tanto a dimensão do *eros* como da *ágape* têm a sua origem e fundamento no amor único de Deus. Continuando nesta linha de reflexão, o autor Olegario González de Cardenal indica, através de exemplos mais concretos, o modo como este amor integral se manifesta e pode ser vivenciado pelo ser humano:

«Os grandes místicos têm mostrado como o amor de Deus implica uma real dimensão erótica, no nobilíssimo sentido do termo, e os grandes santos casados têm mostrado como o *eros* se transcende em gratuidade oblativa. Trata-se duma tensão inevitável que há que manter sem a anulação de algum dos dois polos. Pascal tinha razão, mas só em metade quando pedia a Deus: “Amor sem concupiscência”. Tem razão, enquanto que a relação entre a natureza e a pessoa está pervertida e neste sentido a concupiscência procede do pecado e inclina ao pecado; mas razão só em metade, porque todo o amor verdadeiro inclui desejo, repouso prazenteiro e comoção de entranhas. Por isso, não é possível amor sem concupiscência, no sentido etimológico do verbo *concupiscere* que significa desejar ardentemente, almejar, querer»⁵⁸.

Esta integração, complementaridade e inseparabilidade entre o *eros* e a *caritas* é uma das tónicas mais relevantes a considerar para uma equilibrada conceção do amor, e também pode supor um ponto referencial e orientador para a existência prática das pessoas. Na mesma linha que o teólogo Olegario González de Cardenal, o Papa Bento XVI corrobora a imprescindível relação entre o *eros* e a *caritas* ou *ágape* no contexto dum amor autêntico:

«No fundo, o “amor” é uma única realidade, embora com distintas dimensões; caso a caso, pode uma ou outra dimensão sobressair mais. Mas, quando as duas dimensões se separam

⁵⁸ *Ibidem*, 640: «Los grandes místicos han mostrado cómo el amor de Dios implica una real dimensión erótica, en el nobilísimo sentido del término, y los grandes santos casados han mostrado cómo el éros se trasciende en gratuidad oblativa. Se trata de una tensión insoslayable que hay que mantener sin anulación de ninguno de los dos polos. Pascal tenía razón, más sólo a medias cuando pedía a Dios: “Amor sin concupiscencia”. Tiene razón, en cuanto que la relación entre la naturaleza y la persona está pervertida y en este sentido la concupiscencia procede del pecado e inclina al pecado; pero razón sólo a medias, porque todo amor verdadero incluye deseo, reposo placentero y conmoción de entrañas. Por eso, no es posible amor sin concupiscencia, en el sentido etimológico del verbo *concupiscere* que significa desejar ardentemente, anhelar, querer». Traduzido por mim.

completamente uma da outra, surge uma caricatura ou, de qualquer modo, uma forma reductiva do amor»⁵⁹.

Ao longo das páginas da Bíblia, contemplamos como Deus reclama a correspondência do seu amor ao povo, mostrando-se preocupado, solícito e ciumento (proeminência da dimensão *eros*), ao mesmo tempo que continuamente oferece e outorga a sua amizade⁶⁰, perdão e amor ao ser humano, possibilitando a continuidade da relação (proeminência da dimensão *ágape*), no contexto duma Aliança baseada no amor.

Assim sendo, o amor divino, manifestado em Jesus Cristo, é ao mesmo tempo ascendente (desejoso de encontro com o ser humano), descendente (oblativo) e efusivo⁶¹. A Eucaristia, acontecimento central na experiência cristã, encarna de maneira significativa estas duas dimensões do *eros* e da *ágape*, pois Deus vai ao encontro do ser humano com o desejo de dialogar e de vir a habitar com ele, ao mesmo tempo que a dinâmica do amor implica a entrega (historicamente física da pessoa de Jesus Cristo e atualmente mística no acontecimento eucarístico):

«A *ágape* é a única verdade. E a verdade consiste, de facto, numa procura dialogada (R. Mancini). Ora, o amor é procura, embalo, expressão de desejo num diálogo sem limites. É isso o que consolida a Igreja. Não é possível edificar, consolidar e fazer crescer a Igreja sem o espírito de amor. Sem essa voz que se faz eco de um membro para o outro. Que se faz insónia de correspondência. Que se deixa atrair para um êxtase de fusão, no qual cada membro fica transformado e transfigurado, ao mesmo tempo que passa a ser “corpo” fecundo, capaz por sua vez de transformar. Ora, só num corpo assim é que será possível celebrar dignamente a Eucaristia, a Ceia do Senhor»⁶².

⁵⁹ BENTO XVI, *DCE*, 8: AAS 98 (2006), 224.

⁶⁰ Acerca disto, encontramos diversos exemplos ao longo da narração bíblica. Entre eles, a pregação de São Paulo no Areópago de Atenas, lugar em que desenvolveu esta temática, afirmando que Deus «não está longe de cada um de nós» e pregando o Kérygma (κήρυγμα) da morte e da Ressurreição de Jesus Cristo, sendo por causa disto rejeitado por muitos (Cf. Act 17, 15-34).

⁶¹ A forma e o desenho das custódias ou ostensórios, frequentemente imitando os raios do sol, simbolizam esta efusividade, característica da graça e do amor divinos, presentes na Eucaristia.

⁶² R. VIRGILI, *Os aposentos do amor*, Paulinas, Prior Velho, 2011, 207.

Desta forma, o amor de Deus e da pessoa de Jesus Cristo (que se configura de maneira sacramental através da Eucaristia), converte-se num sinal altamente relevante e significativa do movimento de corrente dupla que impregna e caracteriza o amor, e que, através da vivência cristã, se estende também aos discípulos e até à atualidade.

Ainda que o termo *eros* não apareça entre os vocábulos gregos dos escritos neotestamentários, encontramos também uma formulação que consideramos importante pela sua alusão integral ao amor, contida no mandamento principal do Cristianismo⁶³: «Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo» (Lc 10, 27)⁶⁴.

Este mandamento que, no contexto da pregação de Jesus Cristo representa e condensa aquilo de mais fundamental e nuclear na fé mosaica, recolhe e define de maneira interessante a dupla dimensão do amor. Tradicionalmente, tem-se outorgado uma maior importância ao mandamento do amor a Deus (como podemos verificar numa grande parte da teologia clássica e tradicional)⁶⁵. Por outro lado, algumas correntes teológicas (principalmente desenvolvidas nos séculos mais recentes) tendem a considerar a justiça social (e a dimensão *horizontal*, de amor *catabático* ao próximo) como o elemento mais decisivo e prioritário do mandamento, da mensagem e da práxis cristã. Sem pretender entrar a analisar em profundidade estas diversas correntes, que integrariam um debate à parte, considero importante dentro do contexto da nossa reflexão chamar a atenção para o elemento geralmente mais esquecido: «como a ti mesmo».

⁶³ Sem esquecer a sua relação direta com a tradição e a religião judaica.

⁶⁴ Concretamente, no texto grego é utilizado o termo «Ἀγαπήσεις», futuro indicativo ativo do verbo «Ἀγαπάω», que significa amar (cf. K. ALAND [Coord.], *Synopsis Quattuor Evangeliorum*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1995, 264).

⁶⁵ Encontrando esta visão o seu fundamento principal na passagem de Mt 22,34-40, que estabelece uma ordem prioritária entre estes dois mandamentos.

Se, na versão do mandamento principal que aparece no Evangelho de São Mateus, a prática do amor ao próximo parece estar submetida ao amor a Deus, não podemos deixar de assinalar que o amor ao próximo também é apresentado em estreita relação com o amor a si próprio. Eventualmente, existe a tentação de confundir este «amor próprio» com o egoísmo, mas aprofundando estas tipologias, podemos perceber que realmente se trata de duas realidades contrapostas. Tal como aclara o filósofo e teólogo Marie-Dominique Molinié, «amar a Deus mais do que a si não implica de forma alguma o desapego ou a abdicação da felicidade humana. Aqueles que amam verdadeiramente têm uma sede de felicidade muito mais intensa do que os egoístas»⁶⁶. Assim, o verdadeiro drama é que «o homem não se ama a si mesmo, escreve Ernest Hello, e no entanto ele deve amar-se muito; porque deve amar muito ao seu próximo, e deve amá-lo como a si mesmo»⁶⁷. Portanto, é importante realçar que a qualidade do amor pelos demais dependerá estreitamente da qualidade do amor por nós próprios, assim como estes dependerão também da qualidade e da veracidade do nosso amor a Deus. Todavia, não é um amor apenas de caráter ontológico, psicológico ou ético: o amor que vem de Deus abrange estas categorias, mas não sendo redutível a nenhuma delas, lhes outorga o seu verdadeiro sentido, orientação, harmonia e plenitude. Assim, como afirma Bento XVI citando a São Tomás de Aquino, «a Graça divina não anula, mas supõe e aperfeiçoa a natureza humana»⁶⁸. Este axioma ajuda consideravelmente a esclarecer e compreender melhor a temática do amor: as condições, capacidades e potencialidades do ser humano para amar (de caráter natural) atingem o seu cume e maior realização com a ajuda da Graça divina (de caráter sobrenatural). Nisto consiste, essencialmente, a proposta de santidade cristã.

Em definitivo, ao longo do Novo Testamento (e de toda a Bíblia) também podemos enxergar a imagem do amor como um todo unificado, no qual é possível distinguir ao mesmo tempo

⁶⁶ M.-D. MOLINIÉ, *A luta de Jacó*, Paulinas, São Paulo, 1973, 56.

⁶⁷ *Ibidem*, 57.

⁶⁸ BENTO XVI, Audiência Geral do 16 de Junho de 2010, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100616.html, consultado em 20-06-2017, 10:30.

diferentes dimensões e elementos que estão profundamente entrelaçados, e que se mostram como dependentes entre si.

Também na teologia paulina, encontramos excertos que refletem esta inter-relação constitutiva do amor pleno e equilibrado desde uma perspectiva antropológico-teológica. Como explicita a autora Isabel Maria Cardoso em referência à visão paulina do amor:

«A fraternidade é a única atitude lógica que está fundada na cruz e explicita-se na disposição ao serviço e ao sacrifício, ao perdão e à compreensão, ao apoio e à compaixão, a ajudar quem caiu e a reconstruir o que foi destruído no meio de uma comunidade que deve a sua existência unicamente à misericórdia de Deus e ao sacrifício de Cristo por ela»⁶⁹.

Assim, o amor humano encontra a sua verdadeira fundamentação e base no amor divino, de forma que ambos são, desde uma perspectiva antropológico-teológica, realmente inseparáveis:

«Mas, desta forma, o mais pequeno acto de amor humano está ao serviço do grande amor divino, segundo a lógica de relação entre acção divina e a humana, que para Paulo é um dado primordial e fundamental»⁷⁰.

Deste modo, pensamos que a tensão entre o *eros* e a *caritas*, que inicialmente se apresentava sob a aparência dum *problema a resolver*, constitui verdadeiramente a base e a condição de possibilidade para o desenvolvimento e a realização progressiva dum amor mais equilibrado, purificado, pleno e amadurecido.

c) O amor em termos de aliança

Ao longo dos séculos, na história da Salvação, o povo de Israel desenvolveu uma teologia e uma forma de narrar a relação com Deus estabelecendo frequentes analogias e paralelismos

⁶⁹ I. ALÇADA CARDOSO, «São Paulo, do Amor à Liberdade», *Itinerarium* 193 (2009) 126.

⁷⁰ *Ibidem*, 127.

com as experiências típicas do amor humano. Sem chegar a tratar-se dum antropomorfismo estrito em comparação com as divindades próprias doutras culturas circundantes, a profundidade e o mistério da relação de Deus com o povo são descritos através de categorias humanas, recorrendo frequentemente à expressão dos anseios e dos sentimentos mais íntimos. Por isso, ao percorrer as páginas da Sagrada Escritura, podemos aperceber-nos de que a dimensão teológica que abrange a relação de Deus com o povo e a antropologia que narra a vivência do amor entre os seres humanos são dois conceitos interdependentes que se encontram estreitamente ligados, numa antropologia teológica que se irá desenvolvendo e evoluindo com o passo do tempo: a relação com Deus marca e determina decisivamente as relações interpessoais do povo de Israel.

Este amor será concretizado através duma Aliança que é estabelecida entre Deus e o povo, precisando de ser frequentemente alimentada e renovada devido aos quebrantamentos próprios da limitação, da inconstância e da infidelidade humana. Esta Aliança é definida em termos de «amor esposal»: «Desposar-te-ei para sempre; desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com amor e misericórdia; desposar-te-ei com fidelidade, e tu conhecerás o Senhor» (Os, 2, 21-22).

Como afirma o Papa Bento XVI, acerca de Deus e da eleição do povo de Israel, «o único Deus em que Israel crê, ama pessoalmente. Além disso, o seu amor é um amor de eleição: entre todos os povos, Ele escolhe Israel e ama-o – mas com a finalidade de curar, precisamente deste modo, a humanidade inteira»⁷¹.

A Aliança estabelecida exige uma vivência de amor e de fidelidade por ambas partes. Porém, o povo de Israel, situado no meio do turbilhão das contingências e das preocupações mundanas, esquecerá assiduamente a necessidade, o valor, o respeito e a profundidade desta

⁷¹ BENTO XVI, *DCE*, 9: AAS 98 (2006), 225.

relação. Esta situação conduzir-nos-á a cenas bíblicas em que Deus se expressa de forma *colérica*⁷², mostrando o seu amor ferido, relacionando a infelicidade e a desgraça acontecida sobre o povo de Israel com a falta de cuidado e manutenção do seu amor primitivo:

«Maldito o teu cabaz e a tua arca, maldito o fruto das tuas entranhas, o fruto da tua terra, a cria dos teus bois e os filhotes das tuas ovelhas. Maldito serás quando entrares e maldito quando saíres. O Senhor mandará a maldição, a desgraça e a ruína para tudo aquilo a que lançares mão, até que sejas aniquilado e destruído sem demora, por causa dos teus delitos, por o teres abandonado» (Dt 28, 17-20).

A queixa de Deus perante a rejeição do seu amor oferecido é uma constante dramática que encontramos ao longo de todas as Escrituras, desde o Livro do Génesis, passando pelos profetas e Jesus Cristo⁷³, até ao Livro do Apocalipse. Principalmente, no Antigo Testamento, é denunciada a infidelidade causada pela idolatria:

«Não é tanto o abandono nem o facto de tê-lo deixado a sofrer, quanto o facto de não ter conseguido viver com ela uma relação de autêntica comunhão. Esta mágoa torna-se-lhe ainda mais lancinante quando cai na conta de que ela o deixou, não por qualquer ganho, mas para cair numa condição de escravidão: “Fizeste um lugar alto à entrada de cada caminho e aí profanaste a tua beleza, entregando o teu corpo a todos os que passavam, multiplicando as tuas prostituições” (Ez 16, 25)»⁷⁴.

⁷² Como aclara o teólogo Molinié, «dizer que nossos pecados contristam a Deus não quer dizer que ele sofra no sentido humano da palavra, mas quer dizer *alguma coisa*. Se o Espírito Santo se serve de semelhantes expressões é que ele não acha uma maneira melhor de exprimir o que quer dizer» (M.-D. MOLINIÉ, *A luta de Jacó*, 126). Isto é aplicável aos *sentimentos* divinos que citamos neste escrito, e pode entender-se melhor dentro da temática do amor, em contraposição com a passividade do divino aristotélico, assim como através do mistério da Encarnação (oposto ao antropomorfismo, no qual é o ser humano quem atribui as características próprias à divindade). Isto não significa que não exista algum vestígio de antropomorfismo na Bíblia: porém, convida a adotar uma posição crítica, mas não tendenciosa ou discriminatória perante os textos.

⁷³ De maneira paradigmática e como síntese da história da relação entre Deus e o povo através dos profetas, encontramos a queixa de Jesus sobre a cidade de Jerusalém narrada em Lc 13, 34-35.

⁷⁴ R. VIRGILI, *Os aposentos do amor*, 103.

Apesar da querela de Deus contra o povo, a fidelidade do amor divino revela-se ao mesmo tempo como permanentemente insatisfeita e perseverante, disposta a *tender novamente a mão*, para recomeçar. Nesta contínua necessidade de reconciliação, o papel dos profetas será o de ser intermediários entre Deus e o povo, com o fim de restabelecer, de manter e robustecer os vínculos da Aliança:

«É necessário alguém que acredite no amor duradouro, no “para sempre” do vínculo: esse indivíduo é o profeta. Aquele que mantém unidos o povo e Deus, e que recorda continuamente a Israel que não despreze o amor recebido»⁷⁵.

O profeta é, deste modo, um laço de união entre Deus e o seu povo, reflexo e mensageiro da esperança e da perseverança, próprias do amor divino. O profeta vigia e fomenta a atitude de resposta que o povo assume perante este amor:

«Na perseverança do profeta manifesta-se o rosto autêntico do amor de Deus, a sua justiça. Esta prevê a proposta de uma segunda, terceira e quarta possibilidade de casamento. Deus dispõe-se a perdoar até setenta vezes sete as traições da amada, caso esta queira voltar para Ele»⁷⁶.

Um dos maiores exemplos que encontramos desta mediação entre Deus e o povo encontra-se na figura de Moisés, que estabelece uma Aliança entre Deus e o povo baseada na observação duma lei condensada nos mandamentos outorgados. Pouco tempo depois deste pacto, apreciamos como Moisés já tem que lidar com a infidelidade do povo, assumindo o papel de intercessor e de intermediário:

«Este povo cometeu um grande pecado. Fizeram para si um deus de ouro. Apesar disso, perdoa-lhes este pecado, ou então apaga-me do livro que escreveste» (Ex 32, 31-32).

As peripécias bíblicas narradas mostram um Deus amante, que não poupa nem se dá por vencido na procura de meios e de formas possíveis para encontrar o ser humano que anda perdido e errante, estabelecendo um diálogo contínuo de amor. Por isso, depois dos momentos

⁷⁵ *Ibidem*, 79.

⁷⁶ *Ibidem*, 80.

de cólera e de dor por causa dos pecados do povo, Deus *age* através de novas iniciativas marcadas pelo perdão e por um renovado desejo de *sedução* e de *encontro*:

«O Senhor pretende, não uma parceira servil, amedrontada ou obtusa, mas uma mulher livre e consciente. O Senhor sabe que para lá chegar de nada vale a vingança, e sabe também que só o perdão (*per-dom*: um dom multiplicado e renovado) é susceptível de maravilhar o coração endurecido de Israel, deixando-a sem palavras»⁷⁷.

Assim sendo, o perdão é oferecido constantemente ao povo, como sinal e prova da misericórdia e do amor divinos. Como afirma o Papa Bento XVI, o amor de Deus pelo ser humano «é dado de maneira gratuita, sem mérito algum precedente» por parte do ser humano, sendo também «amor que perdoa»⁷⁸.

Paradoxalmente, apesar dos desejos de alcançar um amor recíproco, a resposta que o amor espera é aquela que nasce da liberdade e que não é fruto do constrangimento, pois como afirmava o escritor de origem libanesa Khalil Gibran, no fundo, «o amor não possui nem quer ser possuído. Porque o amor basta ao amor»⁷⁹. Por isso, o mesmo autor recomenda que «quando amardes, não digais: Deus está no meu coração, mas antes: Eu estou no coração de Deus»⁸⁰.

O vaivém de procura e de encontro próprios numa relação amorosa aparece refletido de maneira especial no livro do *Cântico dos Cânticos*, obra carregada de sensualidade, que pode evocar de forma ambivalente as conotações próprias do amor humano e divino. Assim, de maneira chamativa, este texto mostra os movimentos próprios e os extremos do amor, ao mesmo tempo que ressalta a sua força e perdurabilidade:

⁷⁷ *Ibidem*, 105.

⁷⁸ BENTO XVI, *DCE*, 10: AAS 98 (2006), 226.

⁷⁹ K. GIBRAN, *O profeta*, Coleção Deus Escondido, Apostolado da Oração, Braga, 1994, 21.

⁸⁰ *Ibidem*, 21.

«Grava-me como selo em teu coração, como selo no teu braço, porque forte como a morte é o amor; implacável como o abismo é a paixão; os seus ardores são chamas de fogo, são labaredas divinas. Nem as águas caudalosas conseguirão apagar o fogo do amor, nem as torrentes o podem submergir. Se alguém desse toda a riqueza de sua casa para comprar o amor, seria ainda tratado com desprezo» (Ct 8, 6-7).

Em referência ao livro do *Cântico dos Cânticos*, também o Papa Bento XVI nos oferece uma interessante reflexão, em que indaga acerca do verdadeiro contexto em que este texto bíblico pôde ser escrito, e também sobre os vocábulos hebraicos utilizados para designar o *amor*:

«Segundo a interpretação hoje predominante, as poesias contidas neste livro são originalmente cânticos de amor, talvez previstos para uma festa israelita de núpcias, na qual se devia exaltar o amor conjugal. Neste contexto, é muito elucidativo o facto de, ao longo do livro, se encontrarem duas palavras distintas para designar o “amor”. Primeiro, aparece a palavra “*dodim*”, um plural que exprime o amor ainda inseguro, numa situação de procura indeterminada. Depois, esta palavra é substituída por “*ahabà*”, que, na versão grega do Antigo Testamento, é traduzida pelo termo de som semelhante “*ágape*” [...]. Em contraposição ao amor indeterminado e ainda em fase de procura, este vocábulo exprime a experiência do amor que agora se torna verdadeiramente descoberta do outro, superando assim o carácter egoísta que antes claramente prevalecia. Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes procura-o»⁸¹.

Realmente, o *Cântico dos Cânticos* supõe uma bela composição bíblica em que tanto as realidades do amor humano como do amor divino podem ser reconhecidas.

O desejo de procura e de encontro por parte de Deus, assim como de estabelecimento dum vínculo duradouro, aparece também registado em algumas páginas dos livros proféticos, que uma vez mais mostram o carácter *apaixonado* dessa procura:

⁸¹ BENTO XVI, *DCE*, 6: AAS 98 (2006), 222.

«Ao deserto a conduzirei, para lhe falar ao coração» (Os 2, 16); «Assim como um jovem se casa com uma jovem, também te desposa Aquele que te reconstrói. Assim como a esposa é a alegria do seu marido, assim tu serás a alegria do teu Deus» (Is 62, 5).

Através destas imagens bíblicas, Deus não se mostra como um ser imutável e alheio à situação humana, mas como um Deus *amante* sem o menor indício de indiferença. Tal como aponta o Papa Bento XVI:

«Deus é absolutamente a fonte originária de todo o ser; mas este princípio criador de todas as coisas – o *Logos*, a razão primordial – é, ao mesmo tempo, um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor. Deste modo, o *eros* é enobrecido ao máximo, mas, simultaneamente, tão purificado que se funde com a *ágape*»⁸².

Esta paciência e incansabilidade próprias de Deus revelam-se ao mesmo tempo como uma das características mais significativas do amor, expressado numa maneira incondicional, ao mesmo tempo que se mantém ainda desejoso numa resposta recíproca:

«A fidelidade dele é independente da resposta da amada. Fica para sempre exposto à liberdade dela. Com a sua ferida de paixão e de esperança sempre aberta. De coração despedaçado. Pois – como dizem os rabinos— “não há coração tão íntegro como um coração despedaçado”»⁸³.

Com a vinda de Jesus Cristo, são confirmados muitos dos matizes já revelados anteriormente na história de Israel, ao mesmo tempo que são acrescentadas novas dimensões e significados. Na perspectiva do amor matrimonial, Jesus Cristo ratifica a importância e a solidez desta união como obra na qual Deus também se faz presente, como partícipe e como colaborador do ser humano, para que possam ser realizadas as palavras «o que Deus uniu não o separe o homem» (Mt 19, 6). Ao mesmo tempo, Jesus Cristo descreve o significado do amor entregue na sua

⁸² *Ibidem*, 10: *o.c.*, 226.

⁸³ R. VIRGILI, *Os aposentos do amor*, 136.

máxima expressão, afirmando que «ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos» (Jo 15, 13). Estas sentenças, recolhidas nos Evangelhos, são encarnadas na própria vida de Jesus até à entrega à morte, constituindo-se assim como o maior exemplo do amor partilhado e vivenciado por Deus e pelo ser humano.

Certamente, é a entrega vital de Jesus Cristo (consumada de maneira definitiva na sua paixão) que evidencia em toda a sua radicalidade e totalidade a veracidade das palavras e da mensagem previamente pregados, assim como a possibilidade humana de atingir os cumes do amor através do caminho da relação com Deus.

Este amor desmascara as imperfeições, enganos e ilusões nas quais frequentemente caímos nós, os membros do género humano. Paradoxalmente, é neste amor, que aparentemente carece de ostentação e grandiosidade, em que reside a maior glória e beleza:

«Feio na aparência, mas na verdade “o mais belo dos filhos do homem”. Daí em diante, a beleza torna-se algo a decifrar, a revelar, a descobrir, a encontrar para lá “do que parece”. Aquele corpo torturado é verdadeiramente belo porque torturado pelo amor. Não há beleza sem amor. Poderão existir corpos extremamente belos, mas feios na realidade, por estarem fechados na estupidez e na solidão da ausência de vínculos. Esta “beleza” é inconsistente, já que não se pode desnudar: dentro dela não há nada. Uma beleza gasta e grotesca, fria e paralisada, como a dos manequins. Por sua vez, a beleza daquele “diante do qual cobrimos a face”, é tal que se deixa encontrar...»⁸⁴.

Precisamente, é o mistério Pascal da Morte e Ressurreição que influenciará a teologia do primeiro século acerca do amor e do matrimónio. A Igreja nascente, a partir do acontecimento Pascal e do advento do Espírito Santo⁸⁵, com São Paulo como um dos personagens mais destacados, elaborará uma teologia marcada pelas analogias entre Jesus Cristo e os membros da comunidade eclesial por Ele fundada. Apesar da influência de certas correntes de cariz apocalíptico, que podiam insinuar uma leve depreciação do matrimónio, são também

⁸⁴ *Ibidem*, 315-316 (em comentário ao texto do «Servo sofredor» de Isaías 53).

⁸⁵ Cf. Act 2, 1-13.

frequentes as alusões paulinas sobre o amor e sua vivência na prática quotidiana, também em contextos comunitários e matrimoniais: «Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, para a santificar» (Ef 5, 25). Esta indicação pode ser aplicada de maneira recíproca.

Deste modo, assim como a Aliança era o fundamento da vivência do amor no povo de Israel, a nova Aliança em Jesus Cristo é o fundamento da vivência do amor entre os membros da nova comunidade da Igreja:

«A adesão a Cristo possui o mesmo potencial de envolvimento que a reciprocidade matrimonial. No matrimônio há, além de um só corpo, também um só Espírito. Cumpre salientar o Espírito, pois é Ele o dom de Cristo ressuscitado. O único espírito corresponde, portanto, ao Espírito de Cristo acolhido no espírito humano. Este espírito do homem é o homem todo na sua capacidade de abertura total à transcendência»⁸⁶.

Assim, o amor em termos de Aliança primeiramente com Deus e conseqüentemente com os demais, constitui um pilar básico para a compreensão e a vivência do amor a partir de uma perspectiva antropológico-teológica. Sem pretender entrar nos detalhes de cada vocação e estado de vida particular, é possível vislumbrar que todos partem do mesmo fundamento, que não é outro que o amor de Deus. Como afirmou o Papa João Paulo II:

«Deus é amor e vive em si mesmo um mistério de comunhão pessoal de amor. Criando-a à sua imagem e conservando-a continuamente no ser, Deus inscreve na humanidade do homem e da mulher a vocação, e, assim, a capacidade e a responsabilidade do amor e da comunhão. O amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano»⁸⁷.

⁸⁶ R. VIRGILI, *Os aposentos do amor*, 178.

⁸⁷ JOÃO PAULO II, FC, 11. Citado por: A. LIZARRAGA, *Persona, Sexualidad, Amor, Matrimonio. Una selección de textos de Juan Pablo II*, 31: «Dios es amor y vive en sí mismo un misterio de comunión personal de amor. Creándola a su imagen y conservándola continuamente en el ser, Dios inscribe en la humanidad del hombre y de la mujer la vocación y consiguientemente la capacidad y la responsabilidad del amor y de la comunión. El amor es por tanto la vocación fundamental e innata de todo ser humano». Traduzido por mim.

Em consequência, a reflexão sobre *o amor em termos de aliança*, depois de ter perscrutado alguns dos textos mais relevantes contidos nas Escrituras, permite apreciar que o amor humano nos remete para o amor original e primeiro de Deus (cf. 1 Jo 4,19): atrever-se a falar do amor de Deus implica ter também em conta o acolhimento e a vivência que o ser humano faz desse dom.

No caso particular do Cristianismo, não podemos deixar de recordar que Deus é descrito como Trindade, como mistério no qual três *pessoas* num só Deus conformam uma comunhão de amor. Este amor incriado repercute e possibilita ao mesmo tempo as relações de amor que acontecem no mundo. Como afirma o Papa Francisco em alusão à manifestação concreta deste amor nas famílias, «O Deus Trindade é comunhão de amor; e a família, o seu reflexo vivente»⁸⁸. Também, no compêndio *YOUCAT* encontramos uma belíssima descrição da relação entre o amor no interior da Trindade e o amor nas relações humanas:

«O amor é o interior mais íntimo do Deus Trino. Em Deus há intercâmbio constante e entrega perpétua. Pelo desbordamento do amor divino os homens participam no amor eterno de Deus. Quanto mais ama o homem tanto mais se faz semelhante a Deus. O amor deve caracterizar toda a vida da pessoa...»⁸⁹.

Em definitivo, o amor é descrito como uma semente de Deus presente no ser humano, suscetível de ser desenvolvida, que aparece sempre relacionada com a aceitação do dom e com a tarefa de manutenção da Aliança estabelecida.

Tendo indagado acerca do significado do amor humano (partindo duma perspetiva mais geral e multidisciplinar, para desembocar depois numa visão antropológico-teológica mais concreta,

⁸⁸ FRANCISCO, Exort. ap. pós-sinodal *Amoris Laetitia* (19 de março de 2006), 11: AAS 108 (abril 2016), 315.

⁸⁹ C. SCHÖNBORN (Coord.), *YOUCAT*, Encuentro, Madrid, 2011, 219: «El amor es el interior más íntimo del Dios trino. En Dios hay intercambio constante y entrega perpetua. Por el desbordamiento del amor divino los hombres participamos en el amor eterno de Dios. Cuanto más ama el hombre tanto más se hace semajante a Dios. El amor debe caracterizar toda la vida de la persona...». Traduzido por mim.

em consonância com a tradição bíblica e o Magistério), de seguida aplicaremos alguns dos resultados da investigação realizada no âmbito pedagógico.

Capítulo IV: Promover a compreensão e a vivência do amor a partir da disciplina de EMRC

a) Conceitos e estratégias pedagógicas para atingir esta finalidade

Depois de investigar acerca do amor desde uma perspectiva antropológico-teológica, a partir dum plano mais intelectual, conceptual e teórico (ainda que seja, como todo o conhecimento, inferido também das experiências vitais), a seguir centrar-nos-emos principalmente em oferecer algumas chaves de interpretação que nos permitam levar à prática do ensino em EMRC aquilo que refletimos anteriormente.

Na disciplina de EMRC, estão presentes alguns elementos peculiares e caraterísticos a destacar. Em primeiro lugar, trata-se duma disciplina de oferta obrigatória e de frequência facultativa nas escolas públicas, em que também intervém geralmente a *vontade* do aluno ou dos familiares, cuja intenção principal (em comparação com a maior parte das outras disciplinas) não é tanto acumular ideias ou conhecimentos para cumprir depois requisitos estritamente académicos. Esta ideia, que pode ocasionar mal interpretações, não significa de modo algum que a disciplina careça de legitimidade, de competência ou muito menos de rigor como saber razoável. Porém, pretendo salientar que a matéria tem uma forte componente decisiva e vivencial, pois os conteúdos tratados têm a ver com algumas das dimensões e experiências mais nucleares e profundas da vida e do ser humano, ganhando apenas sentido em relação com elas.

Consequentemente, assim como o amor se revela como um elemento fundamental do ser humano considerado dentro do contexto da antropologia teológica, com a disciplina de EMRC acontece de maneira semelhante, estendendo-se para o âmbito mais prático, vivencial e pedagógico. Se o amor é um elemento nuclear da disciplina, isto significa que será crucial

refletir acerca de *como* o docente poderá contribuir para ajudar aos alunos a melhor vivenciar, apreender e trilhar o caminho do amor.

Como afirma o sacerdote Salesiano Artur Azevedo Pereira, salientando novamente a componente marcadamente vivencial própria desta dimensão, «a educação para o amor não é mais uma coisa a ser feita, não é uma actividade, é um modo de ser, é a filigrana que passa por todo o nosso modo de ser»⁹⁰.

Isto leva-nos a um ponto novo em relação com o processo educativo que devemos ter em conta: se a aprendizagem do amor é uma questão conceptual mas também vivencial, a figura do docente terá, em consequência, uma dimensão eminentemente testemunhal. Na maior parte das disciplinas, o docente *deve saber* os conteúdos da matéria que ensina, de maneira a que possa transmiti-los corretamente aos alunos, satisfazendo também todas as questões e inquietações que possam aparecer. Porém, de maneira mais particular e evidente, no caso da disciplina de EMRC, o docente não só *deverá saber*, mas também, na medida do possível, *deverá viver e ser* aquilo que pretende ensinar e transmitir aos seus alunos. Só a partir desta aclaração inicial ou pré-compreensão, será possível traçar uma espécie de itinerário que trabalhe eficazmente a dimensão do amor com os alunos.

É bem conhecido que as crianças observam (e frequentemente apreendem) a partir dos padrões de comportamento próprios dos adultos. Por isso, a coerência será um fator importante a ter em conta nesta disciplina, podendo ter uma repercussão negativa ou positiva, atuando como critério limitador ou potenciador do processo de ensino.

Como afirma o autor Artur Pereira:

«O testemunho do educador que vive límpida e alegremente a sua vocação, seja ela qual for, ajuda o jovem a captar a possibilidade de viver essa experiência de amor. O jovem que vive ao seu lado dará consigo a interrogar-se sobre o Senhor da Vida, que enche o coração de uma

⁹⁰ A. PEREIRA, «Educação para o amor», *Pastoral Catequética* 4 (2006), 60.

peessoa de modo tão pleno. Tomará consciência de que o amor se torna título pleno de um projecto de vida, capaz de se exprimir de mil formas diversas»⁹¹.

Desta forma, o educador torna-se também uma interpelação e um modelo de vida para o aluno em diferentes âmbitos, entre os quais podemos enxergar a vivência do amor. Isto afirmou o cardeal Jorge Mario Bergoglio (hoje Papa Francisco), quando se dirigiu em 2008 às comunidades educativas de Buenos Aires:

«O testemunho é o que unge o educador como “mestre” e o torna companheiro de caminho na procura da verdade. A testemunha, que com o seu exemplo nos desafia, anima, acompanha, deixa caminhar, enganar-se e ainda repetir o erro, para crescer [...]. Será mestre quem puder defender com a sua própria vida as palavras ditas»⁹².

Esta visão do educador, que implica uma considerável dose de exigência, também constitui ao mesmo tempo uma das grandes possibilidades e oportunidades da disciplina, para dar fruto e poder deixar uma marca real, construtiva e positiva nos alunos, que lhes servirá na vida.

Porém, o docente não é o único modelo ou exemplo possível que pode servir aos alunos. Além das famílias, nas quais as crianças e os jovens vivem (cada uma com umas características e uma situação particular), vivemos numa sociedade marcada pela influência dos *média*, nos quais são constantemente mostrados e propostos (direta ou indiretamente) modelos vitais, apresentados por vezes como *ídolos*.

Porém, os modelos socialmente mais admirados carecem ocasionalmente de princípios sólidos, sendo valorizados e exaltados principalmente devido aos critérios mais superficiais, como a beleza física, o dinheiro ou o poder social.

⁹¹ *Ibidem*, 64.

⁹² J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho, 2015, 190.

Assim sendo, no contexto da educação para o amor, é fundamental propor aos alunos outra classe de modelos alternativos: pessoas que se destacaram pela sua entrega em favor dos outros, pelo seu comportamento, pelo seu sacrifício e oblação... em definitivo, pela sua capacidade de amar.

Neste sentido, além de Jesus Cristo, que se faz presente constantemente ao longo da disciplina como o modelo *por excelência*, encontramos diversos personagens de relevância como São Maximiliano Kolbe, Santa Teresa de Calcutá, São Francisco de Assis e tantos outros. Também há desportistas e pessoas públicas na atualidade que se destacam favoravelmente pelas suas atitudes, caracterizadas pela bondade. Através do uso dos recursos digitais e dos filmes, podemos eventualmente projetar modelos que inspirem o sentido dum amor empenhado e verdadeiro, liberto das ataduras do utilitarismo e do egoísmo pessoal.

Por exemplo, filmes como «Hotel Ruanda», em que o gerente dum prestigioso hotel em Kigali acolhe a mais de mil refugiados no contexto da guerra civil (também classificada historicamente como genocídio) acontecida entre as etnias Hutus e Tutsis em 1994. Também o filme «Prova de Fogo», no qual o protagonista, que anteriormente tinha adotado um estilo de vida egoísta que repercutiu negativamente na estabilidade do seu matrimónio, esforça-se por criar novos hábitos e atitudes construtivas marcadas pelo amor, ajudado pelos conselhos de seu pai, inspirados no Cristianismo.

Acerca da importância e da urgência de apresentar modelos adequados de vida, alertava o cardeal Bergoglio:

«Animemo-nos a *propor modelos de vida* aos nossos alunos. A cultura pós-moderna, que tudo dilui, declarou que estava passada de moda toda a proposta ética concreta. Apresentar exemplos valiosos de serviço, de luta pela justiça, de compromisso pela comunidade, de santidade e heroísmo [...]»⁹³.

⁹³ J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 34.

Através de diversas iniciativas, estamos apresentando aos alunos exemplos de pessoas que percorreram de maneira admirável o caminho do amor. Assim, no âmbito da disciplina de EMRC, tratamos de contribuir para o crescimento na compreensão e na vivência do *mandamento do amor*, eixo da antropologia teológica e do Cristianismo.

Todavia, neste percurso, é importante também uma atitude de humildade por parte do docente, constituindo-se por um lado como um modelo e guia e, ao mesmo tempo, como acompanhante, como pessoa real com qualidades e defeitos, como um eterno aprendiz.

Em alusão a esta filosofia aconselhável para o docente, o cardeal Bergoglio utiliza a significativa expressão de *aprender ensinando e ensinar aprendendo*⁹⁴.

Outro aspecto a salientar, especialmente importante na educação para o amor, é o tipo de relação que o docente estabelece com os alunos. Como dizíamos anteriormente, é importante o aspecto testemunhal, que reveste de *credibilidade e autoridade* aquilo que o docente pretende inculcar. Deste modo, a relação com os alunos não deverá ser excessivamente distante, nem excessivamente próxima. Esta *distância próxima* é a medida justa que permitirá ao docente ser competente e credível ao mesmo tempo. Como afirma o cardeal Bergoglio:

«O que se pede a um educador é que faça caminho com o educando e, neste longo fazer caminho, forja-se a proximidade, o estar perto de alguém. Esta é outra dimensão fundamental na procura da verdade: não temer a proximidade, tão afastada da distância cortês e da promiscuidade»⁹⁵.

Através deste processo, o docente torna-se verdadeiramente *próximo* dos alunos, e poderá melhor ensinar e transmitir aqueles conceitos e atitudes pretendidos.

Seguidamente, analisaremos outras alternativas e modos que o docente de EMRC pode encontrar para promover a compreensão e a vivência do amor, a partir da disciplina.

⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 65.

⁹⁵ *Ibidem*, 193-194.

Como já abordamos no capítulo segundo do presente Relatório Final, ao nível dos conteúdos referentes à *educação para o amor*, encontramos unidades letivas que dão uma relevância explícita e particular a este aspeto, sendo porém ao mesmo tempo uma constante transversal presente na base da disciplina, que percorre implicitamente todos os seus conteúdos e ensinamentos⁹⁶.

Tendo em conta esta presença, já existente dentro dos conteúdos, que impregna toda a disciplina, continuaremos definindo e propondo algumas estratégias e formas que podem ser efetivas e válidas para uma melhor compreensão e vivência do amor.

Frequentemente, encontramos nas escolas alunos procedentes de famílias mais ou menos desestruturadas, que carregam sobre si uma diversidade de problemáticas que afetam o seu desempenho e à atitude mostrada nas aulas.

Estes alunos, considerados geralmente como *difíceis*, constituem um apelo para acreditar verdadeiramente na força do amor e da esperança, agindo ao mesmo tempo em consequência. Valorizar positivamente os progressos dos alunos, ao nível dos conhecimentos e da atitude mostrada na sala de aula (por pequenos ou quase insignificantes que estes sejam), é já um primeiro passo para uma melhor compreensão e vivência do amor, que nunca vai desligado da esperança.

Só com o amor e a esperança será possível manter uma atitude de persistência perante as dificuldades, não desistindo nem deixando de acreditar nas possibilidades únicas de cada aluno. Para isto, mesmo que não seja fácil, é preciso não enclausurar os alunos em etiquetas ou moldes fechados, confiando na semente que é posta hoje e que só irá crescendo pouco a pouco com o tempo⁹⁷. Como afirma o autor Giovani Nervo, «a semente divina, como a da parábola, pode cair no caminho, nas pedras, entre os espinhos e em boa terra; cultiva-la

⁹⁶ Cf. Pág. 18 do presente Relatório Final.

⁹⁷ Na Bíblia encontramos parábolas que fazem alusão a esta dinâmica, em que se parte duma base quase impercetível, atingindo pouco a pouco o amadurecimento desejado e esperado. Cf. Mc 4, 26-32.

significa educar para a caridade»⁹⁸ Em múltiplas ocasiões, nem sequer seremos nós quem verá os frutos aparecer.

Em alusão a esta espera própria do amor e à sabedoria do tempo, o cardeal Bergoglio reflete:

«Para que algo deixe de estar *verde* e chegue a estar *maduro* a sério é essencial não se apressar. Quantas vezes não teremos ficado dececionados com frutas de muito boa aparência e de pouco sabor! E dizemos: “É de câmara frigorífica...”. Ou seja, não se lhe deu o tempo necessário para chegar ao ponto certo. Salvo as devidas distâncias, o amadurecimento humano, na sua dimensão ética, também requer tempo [...]. É assim: para chegar a um ponto de maturidade, isto é, para que sejamos capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso que tenhamos dado (e nos tenham dado) tempo»⁹⁹.

Por isto, educar para uma melhor compreensão e vivência do amor no contexto da disciplina de EMRC pressupõe também no docente virtudes como a esperança (para não desesperar perante a falta de resultados ou classificar alguns casos como *perdidos*) e persistência para continuar agindo de acordo com aquilo que se pretende semear e fazer crescer, com a fé e a esperança de que antes ou depois se produzirá o fruto, por pequeno que seja.

Esta capacidade de acompanhar e de privilegiar *os processos* frente à aparente necessidade de resultados imediatos, é um dos componentes que marca o caráter duma sociedade:

«Às vezes, interrogo-me sobre quais são as pessoas que, no mundo atual, se preocupam realmente mais em gerar processos que construam um povo do que em obter resultados imediatos que produzam ganhos políticos fáceis, rápidos e efémeros, mas que não constroem a plenitude humana. A história julgá-los-á talvez com aquele critério enunciado por Romano Guardini: “O único padrão para avaliar justamente uma época é perguntar-se até que ponto, nela, se desenvolve e alcança uma autêntica razão de ser *a plenitude da existência humana*, de acordo com o caráter peculiar e as *possibilidades* da dita época”»¹⁰⁰.

⁹⁸ G. NERVO, *Educar para o amor*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997, 37.

⁹⁹ J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 93.

¹⁰⁰ FRANCISCO, Exort. ap. *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013), 224: AAS 105 (dezembro 2013), 1112.

Assim sendo, só através do caminho da fé e da esperança nos processos humanos será possível atingir os resultados almejados (de maior plenitude), em contraposição com uma visão mais utilitária (e, portanto, redutiva) da pessoa.

Uma vez mais, penso que a disciplina de EMRC se presta de maneira particular a cultivar esta *sabedoria do tempo*, de maneira a que se possa dar algo mais de dedicação aos alunos com mais dificuldades, fomentando ao mesmo tempo uma dinâmica *inclusiva* dentro da turma. Esta inclusão será potenciada através de gestos, de atitudes de acolhimento e de respeito. As atividades práticas e as dinâmicas feitas em conjunto, as reflexões éticas desde uma ótica cristã, as saídas organizadas... são ocasiões propícias que a disciplina oferece para assentar esse espírito de respeito e de inclusão, que por sua vez, é uma das componentes básicas do amor.

Todavia, como o cardeal Bergoglio afirma, deveremos oferecer aos alunos ao mesmo tempo *limites e horizontes*, por isso é importante:

«saber conduzir à harmonia, saber “moldar” o coração jovem entre os limites e os horizontes... Um educador que sabe mover-se, entre estes dois extremos, faz crescer; um educador que se move na tensão entre estes dois pontos é um educador que faz amadurecer»¹⁰¹.

Assim sendo, a disciplina de EMRC está chamada a estabelecer limites, mas também a propor e a oferecer horizontes diferentes: de reflexão, de transcendência, de amor e de sentido.

Nesta direção, é também fundamental cultivar aquilo a que o cardeal Bergoglio chama *dignidade transcendente*. Estamos imersos numa cultura na qual predomina uma *antropologia da intrascendência*, dominada pela exaltação dos estímulos constantes, dos valores economicistas e do efémero, em que frequentemente o ser humano é valorizado

¹⁰¹ J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 214.

superficialmente por aquilo que tem ou que pode aportar aos *rendimentos*, e em que aqueles que «*não prestam*» suficientemente tendem a ser excluídos ou marginalizados. Esta perigosa tendência, que se manifesta de diversas formas na sociedade (na desproteção das crianças por nascer, dos idosos, dos descapacitados, dos jovens...), tem sido descrita também pelo Papa Francisco como *a cultura do descarte*¹⁰².

Nesta direção, a disciplina de EMRC é chamada a ir *contracorrente*, propondo e afirmando a *dignidade transcendente* do ser humano, inseparável duma conceção antropológico-teológica baseada no amor:

«Qual será a chave para esta outra antropologia? Consciência de cidadãos, dirão alguns. Solidariedade. Consciência de povo. Porque não reconduzi-la à sua fonte, mesmo que pareça débil ou romântica, e chamar-lhe *amor*? Porque essa é, verdadeiramente, uma das chaves da dignidade transcendente da pessoa»¹⁰³.

Através dos conteúdos propostos, assim como das atitudes e da relação do docente com a turma, é preciso ratificar explícita e implicitamente o valor ontológico da pessoa e a sua dignidade inquestionável. Só através do respeito e do reconhecimento do valor ontológico e da dignidade humana, se sentam as bases para a compreensão e a vivência do amor: aquela meta ou horizonte que o Papa Paulo VI chamou a *Civilização do Amor*¹⁰⁴.

O reconhecimento e a afirmação (através dos conteúdos da disciplina e das atitudes do docente) duma antropologia baseada na *dignidade transcendente* (fundamentada no amor de Deus pelo ser humano) tem também outras repercussões práticas. Se acreditamos realmente que o ser humano tem um valor inquestionável, mais além do que qualquer objeto ou produto de consumo, isto significa que as relações já não podem estar mais marcadas pela lógica do

¹⁰² Cf. FRANCISCO, Carta enc. *Laudato si'* (24 de maio de 2015), 22: AAS 107 (setembro 2015), 856.

¹⁰³ J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 167.

¹⁰⁴ Cf. *Ibidem*, 136. Nesta citação, o cardeal Bergoglio faz alusão, no contexto da reflexão educativa, às palavras e à visão proposta pelo Papa Paulo VI.

interesse e do egoísmo. Em contraposição, deverão estar marcadas pela *lógica da gratuidade*, que faz parte do amor, cuja essência é entregar-se.

Esta *lógica da gratuidade* poderá ser cultivada e apreendida através de estratégias já definidas, como a proposta de exemplos de vida, as atitudes e o exemplo do docente, as relações de ajuda mútua estabelecidas na sala de aula ou a realização de dinâmicas que sejam diretamente contrárias à *antropologia da intranscendência*. Há numerosas atividades que podem potenciar este aspeto. Por exemplo, aquela na qual os alunos devem expressar as qualidades que fazem de um outro aluno *único*, ou aquela em que um aluno voluntário deverá lavar os pés do outro numa bacia com água (como fez Jesus com os seus discípulos, segundo a narração de «Jo 13, 1-15»), dialogando e refletindo depois sobre o gesto acontecido.

Em definitivo, a maior parte dos trabalhos em grupo podem fomentar a *gratuidade* como uma expressão do amor recíproco. Também, quando for possível, as experiências de voluntariado ou de ajuda em proximidade com as pessoas que mais sofrem são uma interessante opção: por exemplo, na visita aos lares de idosos ou através da participação em campanhas e atividades caritativas. Como explica o sacerdote Salesiano Artur Azevedo Pereira, «o serviço fraterno aos “pequenos” e aos “pobres” e o contacto gradual e guiado com situações de sofrimento, são factores de educação para o amor gratuito»¹⁰⁵.

Esta dimensão contribui para curar progressivamente do egocentrismo, fomentando atitudes como uma maior sensibilidade, compaixão, respeito, empatia, entre outras.

Realmente, desde uma perspetiva antropológico-teológica, e dentro do contexto da disciplina de EMRC, a lógica da gratuidade encontra-se fundamentada no ser mesmo de Deus e na pessoa de Jesus Cristo, que «andou de lugar em lugar, fazendo o bem e curando todos os que eram oprimidos pelo diabo, porque Deus estava com Ele» (Act 10, 38).

Neste sentido, o cardeal Bergoglio descreve o amor gratuito de Deus, através da seguinte reflexão:

¹⁰⁵ A. PEREIRA, «Educação para o amor», 64.

«o Filho de Deus fez-se homem e morreu na cruz pela salvação dos homens. Qual é a proporção entre o *investimento* feito por Deus e o objeto desse *gasto*? Poderíamos dizer, sem ser irreverentes: não há ninguém mais ineficaz que Deus. Sacrificar o seu Filho pela humanidade, e humanidade pecadora e mal-agradecida até aos dias de hoje... Não há dúvida: a lógica da história da Salvação é uma *lógica do gratuito*. Não se mede por *dever* e *haver*, nem sequer pelos méritos que fazemos valer»¹⁰⁶.

Deste modo, a possibilidade de que nós apreendamos progressivamente a *lógica da gratuidade e do dom* como parte integrante ou inerente do amor, fundamenta-se no amor primeiro de Deus, tal e como aparece descrito em 1 Jo 4, 7-21.

b) Proposta duma atividade concreta dentro do contexto da «educação para o amor»

De seguida, refiro ainda outra maneira de contribuir para uma melhor compreensão e vivência do amor dentro duma perspetiva antropológico-teológica: trata-se da prática da oração.

Dentro do contexto da disciplina de EMRC, é preciso saber reconhecer e estabelecer os limites e as necessárias diferenças entre esta e a catequese paroquial¹⁰⁷. Porém, isto não exime totalmente de poder usar algumas estratégias que pretendem ser uma introdução à meditação e à espiritualidade a partir duma perspetiva cristã.

Neste caso, é apresentada uma atividade enquadrada dentro da unidade letiva «A pessoa humana», que pode ser realizada no fim da mesma, contribuindo assim para atingir melhor alguns dos objetivos da unidade, nomeadamente o segundo (intitulado «identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente») e o sexto

¹⁰⁶ J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 69.

¹⁰⁷ No caso desta dinâmica, é pensada para ser realizada fora da sala de aula, como uma atividade *extraordinária*, mas *não obrigatória*, onde poderiam ser convidados a participar também alunos não inscritos na disciplina e membros da Comunidade Educativa.

(«perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano») ¹⁰⁸.

Imediatamente, apresentamos os passos e as indicações fundamentais para a realização da atividade:

1. Os alunos deverão estar numa sala o mais extensa possível, onde possam adotar uma posição o mais confortável possível, preferivelmente sentados ¹⁰⁹.
2. Como ambiente de fundo, será colocada uma música propícia para um momento de relaxação, de meditação e de oração. Por exemplo, com sons da natureza ou música clássica relaxante.
3. O docente irá dando as instruções necessárias para poder ser atingido um clima de tranquilidade, eliminando a tensão e a distração. Principalmente, os participantes serão convidados a fechar os olhos, relaxar os músculos e praticar uma respiração profunda diafragmática.
4. Quando se tem atingido um nível aceitável de silêncio e de concentração relaxada, podemos começar a oferecer as palavras que convidam à meditação e à oração, com uma progressão no discurso e profundidade crescente. Por exemplo: «Pressas. Cansaço. Preocupações talvez? Agitação. Uma injustiça. Há tantas coisas que não compreendes. Porquê? Perguntas sem resposta. Deixa-te abraçar pelo amor. Precisas disso agora. Abraça-te a ti mesmo, a ti mesma. Abraça aqueles que mais amas, estejam perto ou longe. Deixa-te abraçar pelo amor que Deus te tem...». Também, é possível usar passagens bíblicas que enfatizam o aspeto do *amor incondicional*, como por exemplo Jr 1, 5 ¹¹⁰, Is 54, 10 ¹¹¹ ou Mt 28, 20 ¹¹².

¹⁰⁸ Cf. Dvd, Portefólio, «Separador Gestão do programa - Planificação Nível III», 7-8.

¹⁰⁹ Não é recomendável, porém, que os alunos estejam deitados, para evitar que sejam vencidos pelo sono.

¹¹⁰ «Antes de te haver formado no ventre materno, Eu já te conhecia; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta das nações».

¹¹¹ «Ainda que os montes sejam abalados e tremam as colinas, o meu amor por ti nunca mais será abalado, e a minha aliança de paz nunca mais vacilará. Quem o diz é o Senhor, que tanto te ama».

Compete à criatividade de cada docente elaborar o texto guia segundo as suas preferências, com o objetivo de contribuir para uma melhor compreensão e vivência do amor por parte dos alunos.

Ao mesmo tempo em que estamos tratando temáticas em relação com o valor da pessoa, com o amor e a relação pessoal com Deus, estamos contribuindo para desenvolver aptidões e capacidades que são geralmente menos trabalhadas e mais esquecidas, numa sociedade marcada pelo ruído e pelo excesso de estímulos, que frequentemente dificultam a prática da relaxação, da interiorização, da meditação, da oração e do silêncio.

5. Uma vez finalizado e abertos os olhos, é conveniente dialogar durante alguns minutos, para que os participantes expressem as suas sensações e aquilo que mais lhes marcou da experiência. Isto servirá para perceber o grau de aproveitamento por parte dos alunos ou participantes e para a melhora das competências do docente face ao futuro.

Deste modo, neste itinerário, é importante ter uma pré-compreensão ou noção básica acerca do significado do amor, para poder depois traduzir isso em comportamentos, em atitudes e também em estratégias pedagógicas adaptadas aos alunos, desde uma perspectiva antropológico-teológica.

Assim, o protagonismo inicial recai sobre o docente, mas posteriormente os alunos serão envolvidos através das atitudes e das diferentes atividades práticas, sendo assim também partícipes do processo de aprendizagem. Porque, como afirma o cardeal Bergoglio,

«apenas quem ensina com paixão pode esperar que os seus alunos aprendam com prazer. Só quem se mostra deslumbrado perante a beleza pode iniciar os seus alunos no contemplar. Só quem acredita na verdade que ensina pode pedir interpretações verídicas. Só quem vive no bem – que é justiça, paciência, respeito e diferença no trabalho docente – pode aspirar a modelar o coração das pessoas que lhe foram confiadas. O encontro com a beleza, o bem, a

¹¹² «E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos».

verdade, plenifica e produz um certo êxtase em si mesmo. O que fascina expropria-nos e arrebatá-nos. A verdade assim encontrada, ou que vem ao nosso encontro, faz-nos livres»¹¹³.

Assim, caminhando juntamente com os alunos, o docente será um incansável peregrino na senda da procura dum melhor compreensão e verdadeira vivência do amor que, com algo mais de conhecimento e de experiência, pretende interpelar, transmitir e guiar neste caminho da *educação para o amor*.

¹¹³J. BERGOGLIO, *Educar para uma esperança ativa*, 196.

Conclusões

A avaliação do percurso realizado ao longo da PES e a descoberta da riqueza inerente à unidade letiva 1 «A pessoa humana», permitiram sublinhar a importância e a centralidade do amor dentro do contexto da prática pedagógica e da disciplina de EMRC.

Ao longo destas páginas procuramos realizar uma aproximação ao amor que se manifesta nas pessoas, analisando diversos conceitos e tipificações, desembocando numa antropologia teológica baseada na relação com Deus como fonte e caminho privilegiado para a vivência, o desenvolvimento e a consumação do amor, a exemplo de Jesus Cristo. Isto, com a consciência de que o amor assim perspectivado (e por causa da nossa limitação) continua sempre ainda por descobrir e por viver, assomando-se como um mistério que não pode ser dominado e que ultrapassa finalmente as possíveis descrições e categorias mentais que utilizamos.

Desde esta perspetiva, o amor apresenta-se como a origem e como o destino autêntico da pessoa, que aliás deve ser acolhido e desenvolver-se ao longo da sua existência no mundo, constituindo-se ao mesmo tempo como crucial dom e tarefa para o ser humano. Esta sede e procura do amor é uma constante que acompanha à existência humana, pois como reza aquela célebre citação de Santo Agostinho, «esse homem, particulazinha da criação, deseja louvar-Vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós»¹¹⁴.

Não obstante, poucas descrições encontramos tão completas e evocadoras do amor como o conhecido «Cântico do amor», recolhido na primeira epístola de São Paulo aos Coríntios:

«Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, sou como um bronze que soa ou um címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu tenha tão grande fé que transporte montanhas, se não

¹¹⁴ AGOSTINHO DE HIPONA, *Confissões*, I, 1, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990.

tiver amor, nada sou. Ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita. O amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais passará» (1 Cor 13, 1-8).

Como afirmamos previamente, consideramos que o amor humano é um caminho ou processo que implica também *receber* e *ser atraído*, mas que conduz progressivamente a *dar-se*, a *sair fora de si* e a *entregar-se*, superando o egoísmo em prol do verdadeiro bem e da verdadeira felicidade do outro¹¹⁵. Pode ser também um processo ou caminho de cura e de transformação para a pessoa que o percorre e o experimenta a diferentes níveis (psicossomático, espiritual, relacional, etc.), contando com o esforço da pessoa e o auxílio da graça divina.

Assim sendo, o amor constitui-se como fonte de fé e de esperança para o ser humano, como acontecimento já presente mas ainda não consumado, em contínuo caminho e à espera da sua plena realização. Pois, como afirma o próprio São Paulo, «agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e o amor; mas a maior de todas é o amor» (1 Cor 13, 13).

Neste percurso, temos destacado a presença da temática do amor dentro do programa curricular para a disciplina de EMRC, assim como a importância de *traduzir* os conteúdos e os conceitos teóricos através de atitudes, de formas e de comportamentos que sejam trabalhados e promovidos na sala de aula, através das diferentes estratégias pedagógicas.

Neste Relatório Final, têm sido apontadas e apresentadas algumas ideias (teóricas e práticas) que pretendem exemplificar as diferentes e inúmeras maneiras que existem de contribuir para uma melhor compreensão e vivência do amor dentro do contexto da disciplina de EMRC.

Por exemplo, através do testemunho do educador e doutros modelos propostos, da proximidade com os alunos, do cultivo do valor do respeito e do cuidado pelas pessoas (especialmente com aquelas que mais sofrem), do fomento das atitudes e das atividades

¹¹⁵ Cf. Pág. 31 do presente Relatório Final.

inclusivas, da confiança nos processos e na *sabedoria do tempo* e de estabelecer continuamente as pontes entre o amor de Deus e a vivência do amor humano.

Neste sentido, é possível apontar também algumas linhas futuras de investigação e desafios que considero ainda presentes:

1. Continuar com a investigação teórica sobre o amor desde uma perspectiva antropológico-teológica, aprofundando ainda mais acerca das possibilidades de articulação e de unidade entre as dimensões do *eros* e da *caritas*, tendo em consideração os matizes dos diferentes contextos e estados de vida existentes, assim como as conotações particulares da sociedade atual e do tempo histórico em que vivemos.
2. Prestar, dentro da disciplina de EMRC, uma atenção privilegiada a este aspeto, continuando a procurar novos caminhos, formas e estratégias pedagógicas que contribuam para uma melhor compreensão e vivência do amor desde uma perspectiva antropológico-teológica.
3. Na medida do possível, contagiar, estender e promover os aspetos positivos desta visão na Comunidade Educativa, através de diversas iniciativas, estabelecendo pontes com outras disciplinas e testemunhando através das atitudes o seu valioso contributo e a repercussão benéfica para o conjunto.

Em definitivo, depois deste percurso realizado, podemos concluir que o amor se apresenta como eixo de compreensão e base da antropologia teológica, como fundamento do caminho existencial do cristão e como chave da prática pedagógica na disciplina de EMRC.

Bibliografia

Bíblia

- BÍBLIA SAGRADA PARA O TERCEIRO MILÉNIO DA ENCARNAÇÃO, Difusora Bíblica, 4ª edição, Lisboa/Fátima 2002.

Documentos do Magistério

- BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas Est* (25 de dezembro de 2005), in AAS 98 (março 2006) 217-252.
- FRANCISCO, Carta Encíclica *Laudato Si'* (24 de maio de 2015), in AAS 107 (setembro 2015) 847-945.
- FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* (19 de março de 2016), in AAS 108 (abril 2016) 311-446.
- FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013), in AAS 105 (dezembro 2013) 1019-1137.
- SCHÖNBORN C. (Coord.), *YOUCAT*, Encuentro, Madrid, 2011.

Documentos Curriculares

- SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Estou Contigo. Manual de Educação Moral e Religiosa Católica do 6º ano*, Edição Fundação SNEC, Lisboa, 2015.
- SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica: Finalidades, Metas, Objetivos e Conteúdos*, Edição Fundação SNEC, Moscavide, 2014.

Monografias, estudos e outras obras

- AGOSTINHO DE HIPONA, *Confissões*, Livraria Apostolado da Imprensa, Braga, 1990.
- ALAND, K. (Coord.), *Synopsis Quattuor Evangeliorum*, Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1995.
- ARISTÓTELES, *Retórica*, Gredos, Madrid, 1990.

- BÉJAR, S., *Cinco razones para creer. Experiencias de la desproporción*, Sal Terrae, Santander, 2013.
- BERGOGLIO, J., *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Prior Velho, 2015.
- EXUPÉRY, A., *Le Petit Prince*, Gallimard, Paris, 1940.
- FROMM, E., *A arte de Amar*, Itataia, Belo Horizonte, 1991.
- GIBRAN, K., *O profeta*, Coleção Deus Escondido, Apostolado da Oração, Braga, 1994.
- GONZÁLEZ DE CARDENAL, O., *La entraña del Cristianismo*, Secretariado Trinitario, Salamanca, 2001.
- KUCHENBECKER, V., *O homem e o sagrado: a religiosidade através dos tempos*, Ulbra, Porto Alegre, 2004.
- LIZARRAGA, A., *Persona, Sexualidad, Amor, Matrimonio. Una selección de textos de Juan Pablo II*, Navarra Gráfica Ediciones, Navarra, 2003.
- MOLINIÉ, M.-D., *A luta de Jacó*, Paulinas, São Paulo, 1973.
- MOLINIÉ, M.-D., *El Coraje de tener miedo*, San Pablo, Madrid, 1997.
- NERVO, G., *Educar para o amor*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1997.
- ORTEGA E GASSET, J., *Estudios sobre el amor*, Revista de Occidente, Madrid, 1994.
- PLATÃO, *A República*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2001.
- PLATÃO, *Górgias, O Banquete, Fedro*, Verbo, Lisboa, 1973.
- QUELAS, A., *De la erótica teologal a la erótica teológica. Una interpretación de Olegario González de Cardenal y Adolphe Gesché desde el éros divino-humano*, Extracto de la tesis presentada para la obtención del grado de Doctor, Universidad Pontificia de Comillas, Madrid, 2015.
- SCHOPENHAUER, A., *Metafísica do Amor*, Inquérito, Lisboa, 1940.
- VIRGILI, R., *Os aposentos do amor*, Paulinas, Prior Velho, 2011.

Revistas e dicionários

- ALÇADA CARDOSO, I., «São Paulo, do Amor à Liberdade», *Itinerarium* 193 (2009) 119-136.
- ALMEIDA, J. E SAMPAIO E MELO, A., *Dicionário da Língua Portuguesa*, Porto Editora, Porto, 1992.
- FERREIRA, A., *Dicionário de Latim-Português*, Porto Editora, Porto, 1994.
- PEREIRA, A., «Educação para o amor», *Pastoral Catequética* 4 (2006) 59-64.
- PEREIRA, I., *Dicionário Grego-Português*, Livraria Apostolado da Imprensa, Porto, 1984.

Webgrafia

- BENTO XVI, Audiência Geral do 16 de Junho de 2010, in https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiencias/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100616.html, consultado em 20-06-2017, 10:30.
- SANTO IRINEU DE LIÃO, *Contra as Heresias*, in http://www.lusosofia.net/textos/jose_rosa_fe_comunicacao_fe.pdf, consultado em 23-06-2017, 15:08.

